

Instituto Superior de Ciências da Saúde do Norte
2010

Factores de risco e protecção na Vitimação em contexto escolar

Bruno Martins Alves

Instituto Superior de Ciências da Saúde do Norte
2010

Factores de risco e protecção na Vitimação em contexto escolar

Dissertação de candidatura ao grau de mestre sob orientação do
Professor Doutor Jorge Quintas

Bruno Martins Alves

Resumo

O presente estudo tem como principais objectivos analisar a dimensão e as tipologias da violência escolar e sua diferenciação em função de variáveis socio-demográficas, bem como a análise dos factores de risco e protecção subjacentes à vítima.

Este estudo empírico contou com uma amostra de 425 alunos de uma escola básica do Grande Porto, sendo 49,2 % do sexo masculino (N=290), e 49,2% do sexo feminino (N=290), avaliados por 3 instrumentos, nomeadamente o Questionário de Factores de Risco (QFR), o Questionário de Avaliação da violência na escola e nos tempos livres (CEVEO), e pelo Questionário de Personalidade para crianças e jovens (EPQ-J).

No estudo, foi verificado que 68% da amostra sofre, ou já sofreu situações de agressão, tendo-se constatado que a vitimação ocorre na sua maioria sob a forma de exclusão nomeadamente, através dos actos de ignorar, e do impedimento de participar em actividades com o grupo de pares, e a segunda mais verificada, foi a agressão verbal através do insulto

A terceira agressão mais aferida foi a física, através do pontapear, e a agressão que surge como sendo a menos frequente, é a agressão de carácter sexual em que uma percentagem muito reduzida referiu ter sido alvo de frases, insultos ou atitudes de carácter sexual.

Relativamente às hipóteses formuladas não houve diferenças no que diz respeito às variáveis sócio-demográficas. Quanto aos factores de risco constatou-se que as vítimas percebem o ambiente escolar como sendo negativo, apresentando dificuldades em serem aceites pelo grupo de pares. No que diz respeito à família, verificou-se que as vítimas apresentam um fraco suporte afectivo, assim como uma supervisão parental diminuída.

Constatou-se também, que as vítimas consideram que o comportamento agressivo favorece os agressores, nomeadamente no estatuto que adquirem junto dos colegas sendo desta forma reconhecidos como sendo os mais “fortes” e “populares”.

Abstract

The present study aims mainly to examine the size and types of school violence and its differentiation in terms of demographic variables and also the analysis of risk factors and underlying protection to the victim.

This empirical study involved a sample of 425 students at a primary school of Porto, with 49.2% male (N = 290), and 49.2% female (N = 290) were evaluated by 3 instruments in particular the Questionnaire Risk Factors (QRF), the Questionnaire for Assessment of violence in school and leisure time (CEVEO), and the Personality Questionnaire for children and young people (EPQ-J).

In the study was verified that 68% of the sample have, or have experienced situations of aggression, it was found that the victimization occurs mostly in the form of exclusion in particular, through the acts of disregard, and from participating in activities with the peer group, and the second most observed, was the verbal aggression by the insult.

The third assault was the most measured physical, by kicking, and aggression that is shown to be less frequent, is the assault of a sexual nature that a very small percentage reported having been the target of phrases, insults or attitudes of a sexual nature.

For the assumptions made there were no differences with regard to socio-demographic variables. As to the risk factors was found that the victims perceive the school environment as being negative, presenting difficulties in being accepted by the peer group. With respect to the family, it was found that victims have a low emotional support, as well as a decreased parental supervision.

It was also found that the victims believe that aggressive behavior favors the attackers; particularly in acquiring status among peers is thus recognized as the most "powerful" and "popular."

Agradecimentos

Primeiro de tudo quero agradecer e dedicar este trabalho, às pessoas mais importantes da minha vida, e que proporcionaram este momento, pois sem o apoio delas não teria sido possível concluí-lo.

Desta forma, agradeço do fundo do coração aos meus pais por todo o apoio e amor incondicional, o acreditar e toda a confiança depositada sobre mim, ao meu irmão, por ser simplesmente a pessoa que mais adoro e admiro neste mundo.

Um obrigado especial e sentido para a minha linda mulher Erica, por todo o seu apoio incondicional, pela força transmitida, e pelo amor genuíno e puro.

Um obrigado a todos os meus familiares, e em especial à minha avó Eva, que estará sempre dentro do meu coração.

Agradeço às pessoas que fizeram parte da minha vida académica, em especial à Cátia Chumbo, Ana Margarida, Filipa Costa e ao Fábio.

Um obrigado bem grande e sentido à Ana Ponteira, minha eterna amiga, e que me ajudou sempre com a sua boa disposição, determinação, e amizade.

Quero agradecer a todos os professores do Curso de Psicologia, em especial ao Prof.º Jorge Quintas, orientador da tese, por todo o seu apoio e paciência.

Por fim agradeço a todos os professores e alunos da Escola Básica 2/3 de Sobrado pelo apoio e participação nesta investigação.

Índice de matérias

Resumo	iii
Abstract	iv
Agradecimentos	v
Índice de matérias	vi
I. Introdução	1
II. Definições e conceitos	1
1. Bullying e o seu significado	1
2. Relação entre <i>bullying</i> , violência escolar e agressividade	2
3. Prevalência em Portugal	3
4. Consequências do Bullying	4
5. Caracterização da vítima	5
III. Factores de risco e protecção do Bullying	8
1.1-Factores da criança	8
1.2-Factores relativos aos pais e familiares	10
1.3-Factores relacionados com a escola	11
1.4-Factores relativos aos professores	13
1.5-Factores relativos ao grupo de pares	14
1.6-Factores relativos à personalidade	14
IV. Objectivos e hipóteses	16
V. Método	18
1. Caracterização da amostra	18
2. Instrumentos	18

2.1- Questionário de factores de risco da agressão em contexto escolar	18
2.2- Questionário de Avaliação da violência na escola e nos tempos livres	19
2.3- Questionário de personalidade para crianças e jovens	19
3. Procedimento	20
3.1- Recolha de dados	20
3.2- Procedimento de análise de dados	20
VI. Resultados	21
1- Dimensão do problema	21
1.1- Vítimas	21
1.2- Situações sofridas como vítimas	22
1.3- Comparação da vitimação	24
1.4- Análise das variáveis sócio-demográficas	25
2- Factores de risco e protecção	26
2.1- Escola	27
2.2- Comportamentos e Crenças	29
2.3- Amigos	32
2.4- Família	32
2.5- Personalidade	35

3- Relação dos factores de risco e protecção com a vitimação	37
3.1- Escola	38
3.2- Amigos	38
3.3- Família	39
3.4- Comportamentos e crenças do próprio	39
3.5- Personalidade	40
4- Estudos de previsão	40
4.1- Vítimas de Exclusão	41
4.2- Vítimas de Gravidade Média	42
4.3- Vítimas de Gravidade Extrema	42
VII. Discussão	43
VIII. Conclusão	47
Bibliografia	49
Anexos	51
Anexo 1: Questionário de Factores de risco da agressão em contexto escolar	52
Anexo 2: Questionário de Avaliação da violência na escola e nos tempos livres	67
Anexo 3: Questionário de personalidade para crianças e jovens	72
Anexo 4:Primeira folha do questionário	81
Anexo 5:Artigo	83

I. Introdução

O tema da violência escolar tem sido nestes últimos anos alvo de diversos estudos por diversas entidades, que se deve essencialmente ao aumento desta prática nas escolas, e que provocou uma crescente preocupação por parte da sociedade em geral, e por parte da comunidade educativa, nomeadamente de pais, professores, e dos próprios alunos (Martins, 2005).

Sempre existiu nas escolas portuguesas este fenómeno que tanto preocupa, os pais, os alunos, e a sociedade em geral, que é a violência escolar, sendo que este fenómeno só recentemente tenha começado a ser estudo, pelas suas implicações na vida dos alunos, pais e professores (Matos et al, 2000).

Este crescente interesse pela investigação desta temática deve-se às repercussões que os comportamentos agressivos têm nos jovens, podendo haver consequências ao nível da integração educativa, e ao nível da saúde, havendo repercussões nefastas em diversos domínios de vida dos alunos (Seixas, 2005).

II. Definições e conceitos

1- Bullying e o seu significado

O primeiro autor que utilizou esta expressão foi Dan Olweus, nos estudos que efectuou na Noruega, sendo que este termo de origem inglesa foi utilizado para classificar determinados comportamentos de agressão/vitimação que ocorrem nas escolas entre pares, (Martins, 2005).

O termo original era de Mobbing que implicava ser normalmente um grupo grande e anónimo de indivíduos que assediavam outro, (Olweus, 1994). No entanto para além de um grupo, este assédio e comportamento agressivo poderia ser realizado por uma única pessoa como foi demonstrado pelos

estudos de Bergen, em que cerca de 35-40% dos jovens vitimizados foram vítimas de Bullying por um único aluno, (Olweus, 1995).

Olweus (1995, 1997), definiu o bullying dizendo que « um aluno está a ser provocado ou vitimado quando é exposto repetidamente e ao longo do tempo através de acções negativas por parte de um ou mais estudantes».

Estas acções negativas podem ser realizadas através do uso de palavras (ameaça, insultos, provocações e chamar nomes), e através do contacto físico (empurrar, pontapear), havendo desta forma dois tipos de Bullying, nomeadamente o Bullying Directo e o Bullying indirecto. No entanto, mesmo que uma simples ocorrência de Bullying mais grave possa ser considerada como Bullying, em certas circunstâncias, a significação de “acções negativas” remete para situações de agressão/vitimação que são realizadas repetidamente e ao longo do tempo, (Olweus, 1995).

Este fenómeno pode também ser definido como a violência mental ou física dirigida por um ou mais estudantes sobre um aluno que não se pode defender a si próprio nessa situação de agressão, (Ramirez , 2001).

2- Relação entre Bullying, Violência escolar e Agressividade

A violência escolar, caracteriza-se como sendo um tipo de violência que ocorre nas escolas, e que surge como forma de um individuo, ou grupo utilizar a agressão, a manipulação, a sedução, o poder ou influência física e psicológica com o principal objectivo de ferir o outro, e como forma de demonstração de poder e domínio (Matos et al, 2009). A violência escolar inclui a utilização de armas, sendo no entanto de realçar que esta violência não é somente dirigida aos alunos, havendo desta forma episódios de violência face a professores e auxiliares. (Matos et al, 2000).

A agressividade surge como uma conduta que tem como principal objectivo ferir alguém causando danos a pessoas ou animais, na destruição de propriedades, no roubo, ou na violação das normas, (Ramirez, 2001).

É de salientar que a agressividade pode ser considerada normal até um determinado ponto, pois é normal que uma criança ou adolescente apresente impulsos agressivos adaptativos, mas no entanto se este comportamento tiver subjacente a um estado emocional e hostil em que o objectivo desse mesmo comportamento é o de magoar intencionalmente outro, estaremos perante um acto de agressão (Matos et al, 2000).

Desta forma, o Bullying, surgiu como resposta à necessidade de caracterizar um tipo particular de violência que se tem verificado nas escolas, ocorrendo somente entre o grupo de alunos (Matos et al, 2000).

Desta forma, diversos autores consideram o Bullying como uma subcategoria do comportamento agressivo, e da violência escolar (Ramirez, 2001).

3- Prevalência em Portugal

Em Portugal, é realizada de quatro em quatro anos uma investigação sobre os comportamentos de saúde em meio escolar, tendo já sido realizado três estudos, utilizando para tal um questionário de auto-relato, nomeadamente o HBSC – Health Behaviour in School- Aged Children.

Estes estudos abrangem respectivamente o 2º e 3º ciclo, com as idades médias de referência de 11,13 e 15 anos sendo que Portugal efectuou estes estudos nos anos de 1997/1998, de 2001/2002 e o mais recente em 2006 (Matos et al, 2009).

O estudo de 1998 referiu que da totalidade da amostra, 25,7% dos alunos estiveram envolvidos com frequência em situações de bullying/provocação, 5,8% com duplo envolvimento, 6,3% como ofensores e 13,6% como vítimas (Matos et al, 2000).

No segundo estudo, verificaram que houve uma diminuição no que se refere a todas as componentes do bullying, pois da amostra 23,2 % tinham estado envolvidos em situações de bullying/provocação, 5,7% com duplo envolvimento, 4,7% como ofensores e 12,8% como vítimas. (Matos et al., 2009).

Por fim, no ultimo ano em que foi efectuado este estudo, ocorreu de novo uma diminuição, tendo tido 20,6 % dos alunos envolvidos em situações de bullying/provocação, 4,9% com duplo envolvimento, 6,3% como ofensores e 9,4 % como vítimas, tendo desta forma havido um aumento da percentagem de ofensores (Matos et al., 2009).

Para além deste estudo, foram elaborados outros, nomeadamente em 1998, em que foi verificado que 42,5% dos estudantes, do 2º e 3º ciclo afirmaram nunca se terem envolvido em situações de agressão. 10,2 % da amostra relatou serem agressoras enquanto que 25,9% eram simultaneamente vítimas e agressoras. (Carvalhosa et al, 2001).

Pereira et al (1994), também efectuou um estudo com o objectivo de avaliar os comportamentos de bullying em dois concelhos do norte do país, tendo desta forma constatado que 21% das crianças entre os 7 e 12 anos, nunca tinham sido agredidas, contrariamente a 73% das crianças que referiram terem sido por vezes alvo de agressões, e as restantes 5 % agredidas com frequência.

Através destes diversos estudos foi verificado, que as vítimas são frequentemente do sexo masculino (Olweus, 1994), sendo que a frequência das agressões diminui com o aumento dos anos de escolaridade (Carvalhosa, 2001).

4- Consequências do Bullying

Muitos autores têm focado a sua atenção para as consequências do bullying, pois é um fenómeno que só recentemente tem sido estudado, e que pode ter repercussões muito graves devido às acções daqueles que sofrem, sofreram e/ou praticam Bullying.

A preocupação das instituições cresceu devido a graves agressões de vítimas que sofriam de bullying, havendo um reconhecimento maior na década de 90 após o massacre de Columbine Littleton em que dois jovens efectuaram vários assassinatos a estudantes da escola acabando os dois por se suicidarem, e depois de ter sido efectuado uma investigação, tinha-se descoberto que

durante anos, estes dois alunos tinham sido alvos de bullying por parte dos colegas da escola (Beck, 1995).

Estas agressões tendem a ser persistentes pois quando um aluno ou grupo de alunos intimida outro aluno através das agressões físicas e psicológicas gera-se na sala de aula uma trama de relações grupais que reforça a sua capacidade agressiva, fundamentalmente através do medo (Ramirez, 2001).

Para além disto, normalmente a vítima não é defendida por nenhum colega, pois estas agressões de que são alvo, faz com que crie apoio junto dos outros colegas para gozar e reprimir a vítima (Ramirez, 2001).

5- Caracterização da vítima

O bullying afecta muitas crianças atingindo o seu valor mais elevado a partir da pré-adolescência, que coincide com a entrada na puberdade.

Esta fase caracteriza-se como sendo uma fase recheada de alterações e transformações ao nível físico, social e psíquico, nomeadamente mudanças ao nível cognitivo e às percepções que os jovens têm de si próprios, e às alterações no seu corpo (Martins, 2005).

Apesar de haver uma cada vez maior importância por este tema, a literatura focaliza mais a atenção sobre os agressores e menos sobre as vítimas, tentando perceber a conduta agressiva e delituosa dos Bullies (terminação utilizada para identificar os agressores).

Actualmente verifica-se que a agressão quer física, quer psicológica pode trazer repercussões graves na vida de um jovem ao nível do seu desenvolvimento e da construção da sua identidade.

Stein, Gaberman & Sjostrom, (1996, cit in Orpinas & Horne), referem que as vítimas são aquelas que estão sistematicamente a serem alvo de agressão por parte dos colegas, mas no entanto, existem diversos tipos de vítima, daí ser necessário ter em atenção estas distinções.

Orpinas & Horne (2006), distinguem 3 tipos de vítimas: passivas, provocativas e relacionais.

As crianças passivas são aquelas que não reagem à agressão por parte dos colegas submetendo-se ao domínio daquela que lhe está a agredir quer fisicamente como psicologicamente, sendo que é a estas crianças a quem se atribui o rótulo de vítima de Bullying.

Caracterizam-se pelo isolamento social tendo poucos ou mesmo nenhuns amigos, apresentando bastantes dificuldades no uso da linguagem verbal para responder às agressões por parte dos colegas de escola, parecendo muito ansiosos, retraídos e tímidos.

Isto ocorre muito em crianças que mudam de escola tendo dificuldades em fazerem novos amigos, na medida em que chegam a grupos de pessoas que já se conhecem bem, onde as amizades já estão bem estabelecidas.

As vítimas passivas também se caracterizam por apresentarem diferenças em relação aos outros colegas, como o sotaque, a aparência física (obesidade, e altura), ou o tipo de roupa que vestem.

Relativamente à vítima provocativa, esta caracteriza-se por apresentar comportamentos que incitem os comportamentos de Bullying (Olweus, 1995).

Ou seja através de comportamentos inapropriados, tais como arrelhar, incomodativos, ou desafiar através de actos ou palavras podem provocar não só o agressor como uma turma inteira. No entanto, verifica-se que estas vítimas provocativas continuam com os seus comportamentos de irritação até alguém os agredir, e então queixarem-se de vitimização, sendo que estas crianças necessitam de desenvolver habilidades em interacções sociais e interpessoais, na medida em que estas crianças surgem como os mais rejeitados da turma. (Orpinas & Horne, 2006).

Por fim, Orpinas & Horne (2006), identificam a vítima relacionada, sendo que esta vítima se apresenta como misteriosa ou dissimulada de Bullying relacionado.

A vítima relacionada caracteriza-se por ser um indivíduo que apesar de não ser muito admirada, também não é impopular, ou seja, que não se encontra excluída do grupo tendo mesmo um grupo de amigos. Os agressores movidos pelo ciúme e inveja sobre a vítima relacionada, utilizam o “boato” e rumores espalhados sobre eles para tentarem excluir a vítima relacionada do grupo, ou

com o desejo de mostrar poder, ou desejando atrair a atenção e reconhecimento de outros controlando o que acontece à vítima.

Os alvos de Bullying relacional parecem ter falta de características específicas, mas podem ser apanhados em relacionamentos onde tenham pouco controlo sobre eles, em que por exemplo podem ser novos numa escola, ou podem ser objecto de desprezo ou irritação de uma pessoa, ou ainda por terem falta de habilidades ou recursos que num grupo a pessoa pode ter.

Olweus (1997) refere também a existência das Vítimas-agressoras que são aquelas, que são simultaneamente vítimas e agressoras, que varia consoante o contexto e dos grupos em que se encontra inserido, pois se por um lado, assume o seu poder e estatuto junto dos mais fracos, também se submete às agressões dos colegas, que são na sua maioria mais velhos, e mais fortes fisicamente.

Estas agressões de que as vítimas são alvo não são esporádicas, tendo uma continuidade ao longo do tempo, daí que o bullying se diferencie das restantes agressões, ou diferentes tipos de violência. As vítimas mesmo ao saberem que durante a hora escolar serão alvo de agressões, não o sabem em que circunstâncias vai acontecer, sendo que estas agressões poderão ocorrer em qualquer sítio do espaço escolar, nomeadamente na sala de aula, nos corredores, ou nos espaços de lazer (Beck, 1995).

Segundo Martins (2005), o Bullying, ocorre de 3 maneiras, nomeadamente o directo ou físico, que inclui as situações do bater, do roubo, da extorsão do dinheiro, do pontapear, e temos o bullying verbal através do insulto, da colocação de alcunhas de cariz ofensivo, e por fim o bullying Indirecto, que é caracterizado fundamentalmente pela exclusão, quer por um individuo, como de um grupo de pares.

III - Factores de risco e protecção do Bullying

Existe uma série de factores de risco que tornam a criança/adolescente mais susceptível de ser vítima de agressão.

No entanto há certos autores que chamam a atenção para o facto de ter que se ter em conta o significado do conceito de “risco” ou “estar em risco” uma vez que pode ter dois significados diferentes (Jessor, 1992; cit in Martins, 2005).

O “estar em risco”, significa o aumento da probabilidade de risco para a saúde do indivíduo, e de este se envolver ou estar envolvido em condutas de bullying, remetendo desta forma para um momento tardio no desenvolvimento do risco. Para as crianças e adolescentes que estão ainda envolvidos em comportamentos de Bullying, o “estar em risco”, remete para os antecedentes psicossociais, que podem aumentar a probabilidade de um jovem se envolver em comportamentos de bullying. (Jessor, 1992; cit in Martins, 2005).

1.1 – Factores da criança

Existe uma diversidade de factores relacionados com a criança que a tornam mais vulnerável de ser vítima, assim como factores que tornam a criança mais propícia a ser agressiva para com os outros, ou seja, que apresenta factores de risco que aumentem a probabilidade de envolvimento em atitudes violentas, seja como vítimas, seja como agressores (Matos et al, 2001).

As vítimas apresentam um série de características que as rotula de vítimas, nomeadamente a idade que é inferior aos agressores, a aparência física caracterizada pela obesidade denotando-se assim mais fragilidade, sendo que o seu rendimento escolar se apresenta na maior parte das vezes superior ao dos agressores. (Olweus, 1995). Quanto ao sexo, a maioria das vítimas são rapazes, (Ramirez, 2001).

Outro dos factores tem a ver com o temperamento da criança, em que o temperamento denomina traços importantes da personalidade que apresentam alguma solidez, através das situações e do tempo (Kazdin e Casal, 2001).

Isto verificou-se através da possibilidade de identificar as diferenças em crianças de pouca idade, baseando-se em certos traços tais como a actividade psicomotora da criança, a sua reactividade emocional, e as suas diferenças de humor e a sua adaptabilidade social. As crianças “fáceis” apresentam na maior parte das vezes um humor positivo, apresentando um interesse mais elevado por estímulos e situações novas, assim como uma maior adaptabilidade à mudança, contrariamente às crianças “difíceis” que apresentam normalmente uma conduta diferente das outras crianças, sendo desta forma mais propensas a manifestar comportamentos mais agressivos (Reitsma-Street, Offord e Finch, 1985 cit in Kazdin e Casal, 2001).

É de salientar também a existência de certas crenças que as vítimas possuem e que a tornam mais vulnerável, na medida em que apresentam uma tendência em considerar os agressores como sujeitos populares no seio do grupo de pares, originando nestes indivíduos um sentimento de confiança, dando-lhes a motivação necessária para a utilização da agressividade para atingirem os seus objectivos com sucesso. (Perry, Perry e Rasmussen, 1986).

Outro dos factores relacionados com a criança, tem a haver com o seu rendimento escolar. Através de vários estudos realizados, verifica-se que o comportamento agressivo tal como a vitimação está relacionado com um fraco rendimento escolar apesar de as vítimas apresentarem níveis ligeiramente superiores, por uma falta de apoio dos professores, e por uma fraca e inconsistente disciplina na sala de aula (Matos et al, 2001).

No entanto, verificou-se através de outro estudo realizado com professores de uma escola, que para eles, a maior parte dos problemas apresentados pelos alunos, sejam elas agressoras ou vítimas, se deve essencialmente a conflitos derivados da inadequação e do desajustamento das condutas sociais, e não tendo tanta influência o seu rendimento escolar (Lindsley, 1965 cit in Ramirez, 2001).

No entanto este fraco rendimento escolar não pode ser um critério por si só para caracterizarmos um agressor ou uma vítima, não significando necessariamente que a disfunção académica constitua um factor de risco (Wadsworth, 1979; West, 1992; Mayor e Urra, 1991, cit in Kazdin e Casal, 2001).

Segundo Ramirez (2001), um factor que pode determinar a criança a ser ou não alvo de bullying, consiste nas suas capacidades sociais que são determinantes para todos os propósitos educativos, e o facto de a vítima se apresentar fragilizada, faz com que raramente apresentem comportamentos transgressivos.

1.2 – Factores dos pais e familiares

Um dos factores relacionados com a vitimação reside na base genética, nomeadamente no papel dos factores genéticos (Kazdin, 2001).

Para tal foi realizado um estudo com gémeos monozigóticos e dizigóticos, para se demonstrar a influência genética no comportamento de agressão/vitimação, sendo que foi demonstrado que havia uma maior correspondência do comportamento agressivo entre os gémeos monozigóticos, do que os gémeos dizigóticos (Kazdin, 2001).

A interacção entre filhos e pais também apresenta um grande revelo no comportamento do filho, nomeadamente nas práticas disciplinares e educativas, na forma como lidam com as atitudes dos filhos.

Para Jessor (cit in Martins, 2005), na base genética e biológica encontra-se uma das possíveis razões para a explicação dos comportamentos de bullying entre os jovens, que pode passar pelo alcoolismo dos pais sendo um factor de risco, e por outro lado o elevado nível de inteligência como factor de protecção.

Alguns estudos, demonstram que os pais mais severos e rigorosos na educação dos seus filhos, aumentam a probabilidade de estes apresentarem comportamentos mais agressivos, contrariamente aos pais mais protectores, que aumentam a probabilidade de tornar a criança mais vulnerável de ser vítima (Matos et al, 2001).

Contrariamente, Schwartz (1997), afirma que o contexto familiar das vítimas não difere das crianças que não são alvo de violência, afirmando que o contexto familiar pode não ser significativo.

No entanto, a dureza e a hiper protecção não se apresentam por si só como os factores determinantes destes comportamentos de vitimação/agressão, uma vez, que uma educação mais relaxada e permissiva pode levar a um aumento de risco principalmente nos agressores, daí que as vítimas na sua generalidade apresentem um diminuído suporte afectivo (Kazdin, 2001).

Desta forma pode-se constatar que as vítimas apresentam um fraco suporte afectivo por parte da família, que se caracteriza desta forma pelo desinteresse dos pais nas actividades escolares dos seus filhos, nas suas actividades do dia-a-dia, não dando atenção aos problemas pessoais deles, sendo um indicio da existência de fracos vínculos afectivos neste tipo de famílias (Olweus, 1995).

Verifica-se muito nestas crianças que são vítimas de agressões um baixo nível de autonomia, havendo uma maior supervisão parental (Ramirez, 2001).

Relativamente à classe social, verifica-se que as vítimas pertencem a uma comunidade com estatuto socioeconómico predominantemente médio e alto, com boas infra-estruturas, contrariamente com o que acontece com os agressores que possuem infra-estruturas fracas ou inexistentes (Matos et al, 2001).

1.3 – Factores relacionados com a escola

O ambiente escolar foi estudado por diversos autores como um dos factores que mais contribui para o risco do comportamento de bullying, sendo que as escolas podem caracterizar-se de muitos modos, incluindo a sua organização, e proporção entre docentes e alunos (Kazdin, 2001).

Dependendo do tipo de regras, e práticas educativas feita pelas diversas escolas, existem algumas em que o índice de bullying é muito inferior relativamente a outras escolas.

As escolas com um baixo índice de violência, caracterizam-se por serem escolas em que existe forte vínculos entre professores, assim como dos professores para com os alunos. Há um maior compromisso por parte das escolas em ensinar, proteger e prevenir situações de conflito, nomeadamente de agressão e vitimação, através da promoção de competências sociais e

cognitivas, assim como a existência de um forte compromisso com as aprendizagens académicas, verificando-se ainda que são escolas que apresentam uma maior capacidade de resposta para com os problemas dos alunos, assim como um maior respeito pela comunidade e cultura juvenis (Martins, 2005).

A respeito das escolas foram vários os estudos já realizados, tendo-se verificado através de um estudo em 12 escolas secundárias, que pretendia avaliar a relação escola-aluno, o apoio académico dado pela instituição, o rendimento académico dos alunos assim como os índices de violência. Verificou-se a existência de vários factores que influenciam directamente para a diminuição do comportamento de Bullying nas escolas, nomeadamente o incentivo ao estudo, o tempo que o professor dedica às aulas, o reforço do comportamento dado pelos professores relativamente aos trabalhos efectuados pelos alunos, o responsabilizar os alunos pelos seus actos, as boas condições de trabalho, assim como a atenção que os professores disponibilizam para ajudar os jovens nos seus problemas e expectativas (Rutter, 1979; cit in Kazdin, 2001).

Para Ramires (2001), um das formas de diminuir os comportamento de bullying dentro da sala de aula seria através do alinhamento das carteiras dos alunos diante das secretárias dos professores, pois desta forma isso evitaria do isolamento e a inibição dos alunos socialmente desintegrados, facilitando desta forma a interacção entre os alunos.

Este sistema raramente é posto em prática sendo, que encontramos na maior parte das escolas as carteiras dispostas na vertical umas atrás das outras, sendo que desta forma se torna mais possível de as vítimas serem agredidas sem que os professores se apercebam do que está a acontecer.

Já Cowie (2000 cit in Martins, 2005), refere através de uma investigação que os aconselhamentos, ou a mediação entre pares, é um método mais eficaz, na medida em que as vítimas recorrem a esse sistema de apoio dispondo desta forma alguém com quem falar e que os apoie, uma vez que as vítimas tendem a ter uma personalidade mais fragilizada com baixa auto-estima.

Olweus (1997), refere que as vítimas tendem a ser agredidas no 1º e 2º ciclo, através de agressões físicas, sendo que a partir do 3º ciclo estas agressões

físicas diminuem, surgindo mais as agressões verbais, de carácter mais relacional e indirecto. Através de diversos estudos, pôde-se constatar que a vitimação diminui com o nível de escolaridade, ou seja que existe uma diminuição das agressões à medida que se avança no nível de escolaridade (Martins, 2005; Olweus, 1997).

As vítimas tendencialmente, consideram a escola desagradável, pois é o contexto onde são alvo das agressões por parte dos colegas, fazendo com que tenham um menor envolvimento pelas actividades escolares, pois a rejeição de que são alvo na maior parte das vezes, faz com que tenham receio em se envolverem em actividades escolares (Martins, 2005).

As vítimas consideram que a escola não possui regras adequadas que permitem castigar os agressores, não existindo um sistema eficaz de disciplina, e que faz com o comportamento agressivo continue, daí que as vítimas percepcionem o ambiente escolar como sendo negativo (Batsche & Knoff, 1994; Díaz-Aguado, 2005).

1.4 – Factores relativos ao Professor

Apesar de o professor estar associado à escola, este por si só, desempenha um papel muito importante na mediação de conflitos, pois através das suas capacidades de mediação pode atenuar ou diminuir certos comportamentos de bullying através da imposição de certas regras, do apoio e essencialmente através do respeito.

O apoio do professor na recuperação do aluno vítima de bullying pode ser efectuado através de duas formas, nomeadamente através de uma metodologia e um estilo de ensino que corresponda às necessidades e às características pessoais da criança, assim como ao seu estilo de aprendizagem, criando um clima de entajuda entre todos os elementos da sala de aula, assim como um sentimento de respeito mutuo. (Ramires, 2001).

1.5 – Factores relativos ao grupo de pares

No que diz respeito ao grupo de pares, verifica-se que as vítimas são crianças que podem apresentar fobia escolar recusando-se a ir à escola, e que se deve essencialmente ao medo de represálias por parte dos colegas, daí que tenham dificuldades em estabelecer relações de amizade com os colegas, e não consigam ser aceites pelo seu grupo de pares (Berthold & Hoover, 2000).

Apresentam índices elevados quanto rejeição, e muito baixos quanto à aceitação, e ao nível das relações entre pares (Ramirez, 2001). As vítimas na sua maioria tem muito poucos amigos, apresentando grandes dificuldades em fazerem amizades, e que se deve essencialmente à rejeição por parte do grupo de pares (Olweus, 1994; Martins, 2005; Carvalhosa, 2001).

Estes fracos relacionamentos na escola, gera nas vítimas sentimentos de exclusão e solidão, pois sentem-se sozinhos e sem amigos, e que faz com que sejam alvos mais fáceis de agressão, e por serem os alvos, gera nos colegas o medo de se relacionarem com estas crianças, pois receiam que ao andarem com estas, elas próprias também sejam posteriormente alvo de bullying (Orpinas, 2006).

1.6 – Factores relativos à Personalidade

Quanto às características de personalidade, verifica-se nas vítimas uma elevada ansiedade, timidez, um maior acatamento das regras e normas, e um elevado nível de retraimento devido à introversão, daí que raramente apresentem comportamentos transgressivos (Ramirez, 2001). Relativamente à componente mais neurótica e psicótica da personalidade, verifica-se na maior parte dos casos, que as vítimas apresentam baixos níveis de psicotismo, e níveis médios relativo ao neuroticismo. (Ramirez, 2001).

Para Martins (2005), as vítimas apresentam também uma baixa auto-estima, e têm tendência para manifestar um auto conceito desfavorável, assim como sintomas depressivos, insegurança e ansiedade.

Strecht (2008), sugere uma explicação mais psicodinâmica para explicar as vítimas de bullying, pois segundo ele as vítimas são quase sempre crianças e adolescentes particulares que apresentam traços de fragilidade, já presentes antes da posição de vítimas e que precisam sempre de um grande suporte emocional.

As vítimas têm frequentemente certos traços que a caracterizam, nomeadamente numa dificuldade de organização das defesas face a situações externas sentidas como traumáticas, uma dificuldade de relação, e que frequentemente provêm de famílias onde o suporte afectivo é frouxo ou pouco eficaz na sequência do padrão de relação estabelecido como a super protecção materna (Strecht, 2008).

IV - Objectivos

1. Objectivos e Hipóteses

Os principais objectivos deste estudo, é o de avaliar a violência entre os jovens em idade escolar, nomeadamente as vítimas de bullying.

Deste modo pretende-se atingir os seguintes objectivos:

- (1) Caracterizar os tipos de violência existentes no meio escolar.
- (2) Compreender as variações da violência escolar em função das variáveis sócio-demográficas
- (3) Conhecer os comportamentos dos jovens e a percepção destes face às situações de violência.
- (4) Identificar os factores de risco e protecção subjacentes às situações de violência escolar em cinco dimensões, designadamente da escola, dos amigos, da família, dos comportamentos e crenças e da personalidade.

Desta forma, atendendo aos objectivos, e de acordo com a literatura foram formuladas as seguintes hipóteses de estudo:

Hipótese 1 – As vítimas são maioritariamente do sexo masculino

Hipótese 2 – Prevê-se que a vitimação diminua com o aumento do ano de escolaridade.

Hipótese 3 – As vítimas percebem o ambiente escolar como sendo negativo.

Hipótese 4 - Espera-se que as vítimas apresentem um menor envolvimento escolar.

Hipótese 5 – Prevê-se que as vítimas apresentem uma maior supervisão parental.

Hipótese 6 – As vítimas apresentam um diminuído suporte afectivo.

Hipótese 7 – Espera-se, que as vítimas tenham dificuldades de relacionamento com o grupo de pares.

Hipótese 8 – Prevê-se que as vítimas apresentem uma menor aceitação por parte do grupo de pares.

Hipótese 9 – As vítimas não apresentam comportamentos transgressivos

Hipótese 10 – As vítimas apresentam um sistema de crenças relativamente à agressividade, que aumenta o nível de vitimação

Hipótese 11 – Prevê-se que as vítimas apresentem níveis mais elevados de introversão e neuroticismo, e níveis mais baixos, no que diz respeito aos níveis de psicotismo.

V – Método

1. Caracterização da amostra

Neste estudo, participaram 425 alunos da escola básica do Grande Porto, sendo 49,2% do sexo masculino (n =290), e 49,2% do sexo feminino (n= 290), não havendo desta forma predominância de um sexo relativamente a outro.

Do total da amostra 7 sujeitos não responderam à questão do género.

Da totalidade da amostra, constata-se que as idades variam dos 9 aos 19 anos, sendo que neste estudo foram abrangidos o 5º ano (24%), 6º ano (17,2%), 7º ano (25,4%), 8º ano (16%), e por fim o 9º ano (16,9%).

2. Instrumentos

Os instrumentos utilizados na investigação foram seleccionados, de forma a avaliar e estudar as variáveis em estudo, nomeadamente os factores de risco e protecção das vítimas de bullying.

2.1– Questionário de factores de risco da agressão em contexto escolar¹ (Alves, Ponteira, Quintas & Serra, 2009)

Este questionário, foi realizado de forma a avaliar as variáveis em estudo baseadas na literatura, nomeadamente dos factores relacionados com a escola, da família, do grupo de amigos, do próprio individuo, e da percepção das crianças face às vítimas, e aos agressores, e aborda ainda os dados demográficos de cada participante.

¹ Em Anexo

O questionário é formado por 77 itens, segundo uma escala de Likert, em que a resposta varia entre o “Nunca”, “às vezes”, “muitas vezes” e “sempre”, exceptuando algumas das questões.

2.2 - Questionário de Avaliação da violência na escola e nos Tempos Livres (CEVEO)²

Este questionário, da autoria de Díaz-Aguado, Arias e Seoane (2004), foi adaptado e traduzido para a população portuguesa, e pretende avaliar as situações de violência entre os adolescentes, no meio escolar e fora dele, avaliando 9 dimensões. No entanto, na adaptação portuguesa foram retiradas 3 dimensões do questionário original, uma vez, que não eram relevantes para o estudo.

Caracteriza-se por ser de auto-preenchimento, em que os adolescentes relatam a frequência de situações em que foram vítimas, ou agressoras, e as situações em que foram observadoras de situações de Bullying.

O questionário é desta forma constituído por 70 itens, distribuídos por 6 dimensões, numa escala de Likert em que a resposta varia entre o “Nunca”, “às vezes”, “muitas vezes” e “sempre”.

2.3 – Questionário de Personalidade para crianças e jovens (EPQ-J)³

Foi realizado uma tradução da adaptação espanhola deste questionário (Seisdedos & Cordero, 1995), adaptada pela Editora TEA, da autoria de H. J. Eysenck e S.B. Eysenck (1975).

Pretende avaliar várias dimensões da personalidade, nomeadamente o Neuroticismo, a Extroversão, o Psicoticismo, a Sinceridade e a conduta anti-social, sendo que é constituído por 81 itens com resposta de “sim” ou “não”.

² Em Anexo

³ Em Anexo

3-Procedimento

3.1- Recolha de dados

Neste presente estudo, a recolha de dados foi realizada pelos investigadores, tendo sido solicitado a autorização junto do Concelho Executivo da Escola Básica do Grande Porto para a aplicação dos instrumentos.

Os questionários foram aplicados durante a disciplina de formação cívica, sendo distribuídos por cada aluno, para o seu preenchimento. Antes disso foram explicados os objectivos da investigação, e da importância da sinceridade no preenchimento do mesmo, assegurando a confidencialidade dos resultados.

Durante o preenchimento dos questionários, os investigadores estiveram sempre presentes de forma a esclarecer as dúvidas que surgiam, devido à dificuldade de alguns alunos na interpretação de algumas perguntas.

Os dados foram recolhidos em todas as turmas da escola nos meses de Abril, Maio e Junho, sendo que o preenchimento dos questionários tinha a duração de 50 minutos, que correspondiam à duração da aula.

3.2- Procedimento de análise de dados

Após a recolha dos questionários, procedeu-se ao tratamento dos dados através do SPSS, versão 18.0.

Foram utilizadas estatísticas descritivas, testes de comparação de médias, análises de variações, correlações e regressões.

VI- Resultados

Neste capítulo serão apresentados os resultados do estudo empírico como forma de dar resposta aos objectivos e hipóteses da investigação.

1. Dimensão do problema

1.1 – Vítimas

De forma a analisar, e verificar a frequência das vítimas do estudo, recorreu-se a um largo critério de identificação, nomeadamente, através de simples actos de exclusão, passando pelas agressões físicas, psicológicas, e por fim as de carácter sexual.

Sendo assim são consideradas vítimas todos os sujeitos que sofreram uma ou mais vezes alguma conduta agressiva e que tenham respondido afirmativamente em qualquer Item do bloco de questões referentes às situações de vitimação do questionário CEVEO.

Desta forma, uma primeira análise mostrou-nos que 68% da nossa amostra (N= 289) sofre ou já sofreu situações de agressão. Os restantes 31,8% da amostra (N=135) referem nunca ter sofrido situações de agressão, como se pode verificar pela tabela 1.

Tabela 1 - Distribuição das Vítimas

	<i>N</i>	%
Vítimas	289	68
Não Vítimas	135	31,8

1.2 – Situações sofridas como vítimas

Realizou-se a análise da gravidade da vitimação recorrendo a três factores encontrados no questionário CEVEO de Díaz-Aguado et al. (2004).

Estes factores surgem especificamente do bloco de questões que diz respeito às situações de vitimação, sendo constituído por 15 itens.

Na tabela 2 podem-se verificar as frequências, médias e desvios padrões das respostas sobre as diversas situações de vitimação dos alunos da escola, apresentadas pelo questionário CEVEO.

Como se pode observar através da tabela, verifica-se que a vitimação ocorre na sua maioria sob a forma de exclusão, em que aparece uma percentagem significativa de alunos que referem terem sido alvo deste tipo de agressão, como se pode constatar pelos Itens 1 “ Os meus colegas ignoram-me”, Item 2 “ Os meus colegas rejeitam-me”, item 3 “ Os meus colegas impedem-me de participar”, e Item 6 “ Falam mal de mim”.

A agressão verbal, surge como a segunda mais frequente, em que se verifica, que as crianças sinalizam serem vítimas deste tipo de agressão às vezes ou muitas vezes, relativamente aos Itens 4 “ Insultam-me”, em que referem 19,5% como às vezes, Item 5 “ Chamam-me nomes que me ofendem ou ridicularizam”.

A terceira agressão mais verificada é a física, em que 9,8% dos jovens referem que já lhe bateram às vezes ou mais, como se pode verificar através do Item 10 “ Batem-me”.

A agressão que surge como sendo a menos frequente, é a agressão de carácter sexual, em que uma percentagem pequena refere já ter sido alvo de frases, insultos ou atitudes de carácter sexual.

É de salientar, que a vitimação ocorre na maior parte das vezes sob a forma de exclusão através do ignorar ou do impedimento de participar em actividades conjuntas com os outros jovens, sendo as menos graves como seria de esperar.

Tabela 2 – Percentagem, médias e desvios padrões dos itens sobre as situações de vitimação na escola

	Nunca	Às vezes	Muitas vezes	Sempre	M	Dp
1. Os meus colegas ignoram-me	75,2%	21%	2,8%	0,9%	1.30	0,568
2. Os meus colegas rejeitam-me	77%	14,2%	3,3%	5,5%	1.37	0,793
3. Os meus colegas impedem-me de participar	70,5%	16,7%	2,4%	0,7%	1.24	0,521
4. Insultam-me	75,3%	19,5%	3,3%	0,9%	1.29	0,575
5. Chamam-me nomes que me ofendem ou ridicularizam	67,8%	26,4%	3,5%	1,6%	1.39	0,639
6. Falam mal de mim	58,8%	35,1%	3,8%	1,4%	1.47	0,642
7. Escondem-me coisas	60,9%	32%	4,9%	1,2%	1.46	0,648
8. Destroem-me coisas	90,4%	7,3%	1,4%	0,5%	1,12	0,399
9. Roubam-me coisas	93,9%	4,2%	0,7%	0,5%	1.07	0,330
10. Batem-me	88,9%	8,2%	0,9%	0,7%	1.12	0,413
11. Ameaçam-me para me meter medo	86,6%	10,4%	1,6%	0,7%	1.16	0,458
12. Obrigam-me a fazer coisas que não quero através de ameaças	95,3%	3,3%	0,2%	0,5%	1.05	0,288
13. Intimidam-me com frases e insultos de carácter sexual	92,5%	4,7%	1,4%	0,5%	1.09	0,373
14. Obrigam-me, com ameaças, a ter comportamentos ou atitudes de carácter sexual que não quero ter	97,2%	0,9%	0,5%	0,5%	1.03	0,265
15. Ameaçam-me com armas	97,2%	1,4%	0,5%	0,2%	1.03	0,232

(escala utilizada: 1-Nunca, 2-às vezes, 3- Muitas vezes e 4- Sempre)

1.3 – Comparação da Vitimação

A autora do questionário CEVEO, através de uma análise factorial, verificou que os 15 Itens em 3 factores, permitem classificar a vitimação em função da sua gravidade. Os três factores foram designados de **exclusão** (Itens 1,2,3,4 e 6), da **vitimação de gravidade média** (Itens 5,7,8,9,10 e 11) e da **vitimação de gravidade extrema** (Itens 12,13,14 e 15).

De forma a estabelecer comparação com o estudo realizado em Espanha, agregamos os resultados dos 3 factores supracitados e comparamos as médias nas duas amostras, realizando a análise da percentagem acima dos pontos de corte (percentil 90) no presente estudo.

A tabela 3 mostra a média e desvio-padrão nas duas amostras e o respectivo teste t de comparação. Em todos os factores a vitimação é significativamente inferior no presente estudo.

Tabela 3 – Comparação das médias dos três factores obtidas por Diaz Aguado et al. (2004) e por Bruno & Quintas (2009)

	Diaz-Aguado (2004)		Bruno & Quintas (2009)		t	gl	p
	M	DP	M	DP			
Vítimas de Exclusão	7,03	2,29	6,63	2,20	62,08	423	0,000
Vítimas de Gravidade Média	7,35	2,10	7,27	1,99	75,28	423	0,000
Vítimas de Gravidade Extrema	4,21	0,84	4,20	0,89	97,50	421	0,000

No que diz respeito à vitimação de gravidade média, verificou-se, que 17,2% da nossa amostra (N= 74) se encontra acima do percentil 90.

Relativamente à vitimação de gravidade extrema verificou-se que 9,3% da amostra (N=40) está acima do percentil 90.

Desta forma, e comparando os resultados da nossa amostra portuguesa, com os resultados do estudo espanhol, com a mesma finalidade de avaliar as situações de violência escolar através da utilização do questionário CEVEO, podemos concluir que os níveis de vitimação, ao nível da exclusão, da gravidade média e da gravidade extrema são menores na amostra portuguesa.

1.4 – Análise de variáveis sócio-demográficas

Relativamente à amostra do estudo, efectuou-se a caracterização dos alunos quanto às variáveis sócio-demográficas, nomeadamente ao sexo e ao ano de escolaridade.

Relativamente ao sexo (Tabela 4), verificou-se através do teste de qui-quadrado que não existe diferenças da variável vitimação em função do sexo, $\chi^2 (1) = 0,12, p=0,73$.

Tabela 4- Relação vítima/Não vítima quanto ao género

	Não Vítima		Vítima	
	N	%	N	%
Masculino	68	32,7	140	67,3
Feminino	65	31,1	144	68,9

Através do teste de qui-quadrado também se verificou que não existem diferenças entre os diversos anos lectivos e a variável vitimação, $X^2(4) = 2,58$; $p = 0,63$

Tabela 5 – Relação Vítima/Não vítima e os diversos anos lectivos

	Não vítima		Vítimas	
	N	%	N	%
5º Ano	35	34,3	67	34,3
6º Ano	21	28,8	52	28,8
7º Ano	32	29,6	76	29,6
8º Ano	19	27,9	49	27,9
9ª Ano	27	38,0	44	38,0

2 Factores de risco e Protecção

De acordo com a literatura e com as hipóteses formuladas, foram analisados diversos factores de risco e protecção do questionário, relacionados com o Bullying. Agrupámos estes factores em cinco áreas: Escola, Família, Crenças e Comportamentos, Amigos, e Personalidade.

Cada área é composta por indicadores, constituídos por itens do questionário de Factores de Risco da agressão em contexto escolar, sendo que estes indicadores dizem respeito a itens isolados do questionário e de agrupamentos de diversos itens.

Como forma de verificar a consistência interna dos itens dos agrupamentos, procedeu-se ao cálculo do alfa de Cronbach.

Desta forma descrevemos abaixo os indicadores que constituem cada área de estudo.

2.1 – Escola

Para este factor foram utilizados 2 indicadores directos, nomeadamente o rendimento escolar (numero de negativas; item: “Tens negativas”), e o insucesso escolar (numero de reprovações; item: “já reprovaste algum ano”), e 2 indicadores resultantes do agrupamento de vários Itens, nomeadamente o do “envolvimento escolar” e o “ambiente escolar”.

- “Envolvimento escolar” constituído por 4 itens que apresentam um alfa de Cronbach = 0,624. Na tabela 6 estão apresentados os itens constituintes deste indicador, e as respectivas médias e desvios padrões.

Tabela 6 Itens do factor “envolvimento escolar”

	M	DP
15 – Gostas da escola?	2,82	0,91
17 – Tens interesse em actividades extracurriculares?	2,79	1,00
18 – Achas que estudar é importante para o teu futuro?	3,62	0,72
19 – Participas em actividades organizadas pela escola?	2,76	0,95

(escala utilizada: 1-Nunca, 2-às vezes, 3- Muitas vezes, 4- Sempre)

Através das médias dos Itens que constituem este indicador, foi possível verificar que os jovens gostam da escola, apresentando interesse por actividades extracurriculares, tendo uma elevada percepção da importância do estudo para o seu futuro, apresentando médias de resposta perto do “Sempre”.

- “Ambiente escolar”, constituído por 8 itens, que apresentam alfa de Cronbach = 0,806. Na tabela 7 estão apresentados os itens constituintes deste indicador, e as respectivas médias e desvios padrões.

Tabela 7 - Itens do factor "ambiente escolar"

	M	DP
47 – Os professores ajudam-te quando tens dificuldades no estudo?	3,47	0,77
48 – Sentes que os professores estão disponíveis para te ajudar?	3,37	0,82
49 – A escola faz campanhas contra a violência escolar?	2,02	1,04
50 – A escola castiga quem anda à bulha, insulta ou rouba?	3,43	0,86
51 – Sentes que os professores te incentivam a ter boas notas?	3,48	0,79
52 – Sentes que a tua escola tem bom ambiente?	2,75	0,83
53 – Sentes que a tua escola tem regras adequadas	2,93	0,88
54 – Sentes que a tua escola é justa quando castiga algum aluno?	2,94	0,95

(escala utilizada: 1-Nunca, 2-às vezes, 3- Muitas vezes, 4- Sempre)

Relativamente ao ambiente escolar, e através das médias dos itens que constituem este indicador, verificou-se que os jovens o percebem como sendo positivo, sendo de realçar, a importância do papel do professor, uma vez que através das médias, verifica-se que estes são vistos como um suporte, ao nível das dificuldades no estudo, no incentivo ao sucesso escolar e na disponibilidade para ajudar os jovens, apresentando médias de respostas perto do “sempre”.

No que diz respeito às regras da escola face à violência, verifica-se através das médias, que os jovens consideram suficientes as regras impostas pela escola, para combater e prevenir a violência com médias de respostas perto do “Muitas vezes”, que indica confiança dos jovens no sistema de regras escolares.

Relativamente aos indicadores directos, cujas médias e desvios padrões se apresentam na tabela 8, verifica-se que ao nível do insucesso escolar o número de reprovações é baixo, estando a média próxima do “Nunca reprovei”.

Quanto ao rendimento escolar, a média varia entre as “três ou menos negativas”

Tabela 8 – Médias e desvios padrões dos dois indicadores directos do factor “Escola”

Itens	M	DP
Rendimento escolar	1,92	0,937
Insucesso escolar	1,30	0,502

(escala utilizada para o baixo rendimento escolar: 1 – Não, 2 – Três ou menos, 3 – Entre três e seis, 4 – Mais de seis; escala utilizada para o insucesso escolar: 1- Nunca reprovei, 2- reprovei uma ou duas vezes, 3 – Reprovei três ou mais vezes)

2.2 – Comportamentos e Crenças

Para este factor, foram utilizados dois agrupamentos, nomeadamente os comportamentos transgressivos do próprio, e das crenças que estão por detrás do comportamento agressivo.

- “ Comportamentos transgressivos do próprio”, constituído por 6 itens que apresentam um alfa de Cronbach = 0,561. A tabela 9 apresenta os

itens que fazem parte deste indicador, e as respectivas médias e desvios padrões.

Tabela 9 - itens do factor " comportamentos transgressivos do próprio"

	M	DP
55 – Já alguma vez faltaste às aulas?	1,44	1,19
56 – Já alguma vez vandalizaste o espaço escolar?	1,26	1,19
57- Já alguma vez andaste armado? (Ex: navalhas)	1,08	0,38
58- Já alguma vez tiraste alguma coisa que não te pertencia?	1,14	0,48
59- Já alguma vez usaste drogas ilegais?	1,04	0,28
60- Já alguma vez ficaste embriagado?	1,11	0,39

(escala utilizada: 1-Nunca, 2-às vezes, 3- Muitas vezes, 4- Sempre)

Com estas médias, verifica-se que os indivíduos da amostra, apresentam poucos comportamentos transgressivos, na medida em que as respostas apresentam uma média que se encontra próximo do “Nunca”.

A média mais elevada, é referente ao Item 55 (“Já alguma vez faltaste às aulas”), sendo este o comportamento transgressivo mais verificado na escola.

- “Crenças”, constituído por nove itens que apresentam um alfa de Cronbach = 0,623. A tabela 10 apresenta os itens que fazem parte deste indicador, e as respectivas médias e desvios padrões.

Tabela 10 – Médias e desvios padrões dos Itens que constituem as “crenças”

Itens	M	Dp
65 - Achas que um aluno que tem medo de outro é um covarde?	1,44	0,72
66 - Achas que se pedires ajuda a alguém para te defenderes vão achar que não vales nada?	1,91	1,11
68 - Achas que se contasses a alguém que um aluno te ameaçava isso faria de ti um queixinhas?	1,66	1,00
69 - Quando agrides alguém achas que ganhas alguma coisa com isso?	1,33	0,81
70 - Quando agrides alguém tens medo de ser punido?	3,05	1,08
74 - Achas que os alunos agressivos são mais populares?	1,91	1,07
75 - Achas que é necessário meter medo aos outros para seres respeitado?	1,41	0,77
76 - Achas que um aluno tem o direito de arranhar o carro de um professor se este lhe deu uma má nota injustamente?	1,28	0,75
77 - Achas justo bater em alguém que te roubou ou insultou?	1,93	1,078

Através da análise das médias, verifica-se que os jovens consideram que o comportamento transgressivo, não traz regalias para quem o efectua, destacando-se o receio dos agressores em serem punidos.

Verifica-se ainda que os jovens deste estudo têm consciência que o pedir ajuda a alguém quando são alvo de agressões, pode indicar que são “fracos” não tendo capacidade de se defenderem a si próprios (médias de resposta perto do às vezes).

2.3– Amigos

Neste factor, foram utilizados dois indicadores directos nomeadamente, a “Dificuldade de relacionamento” (item: “Tens facilidade em arranjar amigos?”), e a “aceitação por parte dos amigos” (item: “Os teus amigos aceitam-te como és?”), e um indicador resultante do agrupamento de vários itens resultando nos “comportamentos transgressivos dos amigos”

- “Comportamentos transgressivos dos amigos”, constituído por 6 itens que apresentam um alfa de Cronbach = 0,663. A tabela 11 apresenta os itens que fazem parte deste indicador e as respectivas médias e desvios padrões.

Tabela 11 - Médias e desvios padrões dos itens que constituem o indicador “Comportamento transgressivo dos amigos”

	M	DP
28- Os teus amigos costumam faltar as aulas?	1,59	0,72
29- Os teus amigos costumam ser mal comportados nas aulas?	1,97	0,72
30- Os teus amigos costumam embriagar-se?	1,26	0,62
31- Os teus amigos costumam usar drogas?	1,14	0,44
32- Os teus amigos costumam fazer pequenos roubos?	1,11	0,40
33- Os teus amigos costumam agredir outros?	1,53	0,67

(escala utilizada: 1-Nunca, 2-às vezes, 3- Muitas vezes, 4- Sempre)

Através da análise das médias, verifica-se que os jovens caracterizam o seu grupo de amigos como tendo poucos comportamentos transgressivos, apresentando respostas que se encontram entre o “Nunca” e “Às vezes”. Destaca-se o mau comportamento nas salas de aula que apresenta uma média superior aos restantes itens, sendo que estes comportamentos transgressivos podem remeter para pequenos actos como o esconder um lápis ou atirar algum material a outro aluno.

Quanto aos indicadores directos nomeadamente a “Aceitação por parte dos amigos”, e “Dificuldades de relacionamento”, verifica-se através das médias e desvios padrões que se encontram na tabela 12, que a maioria da amostra se sente aceite por parte dos amigos, referindo ainda não terem dificuldades em se relacionarem com o grupo de pares.

Tabela 12 – Médias e desvios padrões dos dois indicadores directos do factor “Amigos”

	M	DP
Aceitação por parte dos amigos	3,64	0,716
Dificuldades de relacionamento	3,08	1,019

(escala utilizada: 1-Nunca, 2-às vezes, 3- Muitas vezes, 4- Sempre)

2.4 – Família

Para este factor foram utilizados 3 indicadores directos, nomeadamente a supervisão parental (item: “Quando saís de casa os teus pais sabem por onde andas?”), a imposição de regras (item: “Os teus pais sabem por onde andas?”), e os elogios dados pelos pais (item: “Os teus pais elogiam-te quando tiras boas notas ou te portas bem?”) e um indicador resultante do agrupamento de diversos itens, dando origem ao “suporte afectivo familiar”.

- “Suporte afectivo familiar”, constituído por 8 itens que apresentam um alfa de Cronbach = 0,743. A tabela 13 apresenta os itens que fazem parte deste indicador, e as respectivas médias e desvios padrões.

Tabela 13 - Médias e desvios padrões dos itens que fazem parte do indicador "suporte afectivo"

	M	dp
36- Quando tens problemas costumavas contar aos teus pais?	2,88	1,03
37- Quando tens problemas na escola os teus pais ajudam-te?	3,50	0,83
38- Os teus pais encorajam-te a ter boas notas?	3,81	0,58
42- Os teus pais conhecem os teus amigos?	3,49	0,75
43- Os teus pais participam em actividades/reuniões na escola?	3,38	0,83
44- Os teus pais elogiam-te quando tiras boas notas ou te portas bem?	3,61	0,73
45- Os teus pais ajudam-te nos trabalhos de casa?	2,51	1,06
46- Costumas realizar actividades de lazer com os teus pais?	2,98	0,89

(escala utilizada: 1-Nunca, 2-às vezes, 3- Muitas vezes, 4- Sempre)

Através da análise das médias deste indicador, pode-se constatar que ao nível escolar, os jovens referem que os pais os apoiam, encorajando-os a ter boas notas, através do elogio e supervisionam os seus percursos escolares através da participação nas reuniões e actividades da escola (médias perto da resposta “muitas vezes”), denotando-se no entanto que ao nível dos trabalhos de casa, a participação dos pais não é tão activa (médias perto da resposta “às vezes”). Ao nível do grupo de pares, denota-se que os pais têm conhecimento acerca dos amigos dos seus filhos (médias perto da resposta “ Muitas vezes”), e

reservam parte do tempo para a realização de actividades de lazer com os filhos (médias perto da resposta “muitas vezes”).

Relativamente aos problemas pessoais, constatou-se que os jovens relatam aos pais as suas preocupações (médias perto da resposta “muitas vezes”).

Quanto aos indicadores directos, verifica-se que os sujeitos da amostra possuem uma elevada supervisão parental, assim como a imposição de regras e ainda dos elogios. Estas médias mostram que as respostas da generalidade dos sujeitos variam entre o “Muitas vezes” e “ Sempre”.

Tabela 14 - Médias e desvios padrões dos factores de risco relacionados com a família.

		M	Dp
Família	Suporte afectivo	3,26	0,53
	Supervisão parental	3,70	1,08
	Imposição de regras	3,16	0,98
	Elogios	3,61	0,73

(escala utilizada: 1-Nunca, 2- Às vezes, 3- Muitas vezes, 4- Sempre)

2.5 - Personalidade

Para este factor, foram utilizadas as dimensões do EPQ-J nomeadamente, o neuroticismo, o psicoticismo, e extroversão.

Foram comparados os resultados da nossa amostra, com a amostra espanhola do estudo de Seisdedos & Cordero (1995), tendo sido analisado separadamente os resultados de ambos os sexos.

Na tabela 15 apresentam-se as médias e desvios padrões dos dois estudos no que diz respeito ao sexo masculino, e através da análise dos resultados, verifica-se que no sexo masculino os níveis de extroversão e neuroticismo são menores na amostra portuguesa. Quanto aos níveis de psicoticismo, os valores apresentam-se mais elevados na amostra portuguesa.

Tabela 15 – Médias e desvios padrões das dimensões da personalidade obtidas no estudo espanhol e no presente estudo relativo ao sexo masculino.

Dimensões	Seisdodos & Cordero (1995)		Bruno & Quintas (2009)		t	gl	P
	M	dp	M	dp			
Neuroticismo	11,64	5,25	0,55	2,28	-70,37	208	0
Extroversão	12,04	4,04	5,06	2,05	-49,26	208	0
Psicoticismo	2,73	3,05	7,16	1,50	42,61	208	0

No que diz respeito ao sexo feminino verifica-se também que os níveis de neuroticismo e extroversão são menores na amostra portuguesa, contrariamente aos níveis de psicoticismo que se apresentam mais elevados na amostra portuguesa.

Tabela 16 – Médias e desvios padrões das dimensões da personalidade obtidas no estudo espanhol e no presente estudo relativo ao sexo feminino.

Dimensões	Seisdodos & Cordero (1995)		Bruno & Quintas (2009)		t	gl	P
	M	Dp	M	dp			
Neuroticismo	14,53	5,21	0,91	3,04	-64,69	208	0
Extroversão	11,37	4,41	5,78	2,26	-35,79	208	0
Psicoticismo	2,21	2,36	7,32	1,50	49,39	208	0

3 – Relação dos factores de risco e protecção com a vitimação

Como forma de relacionar as vítimas com os diversos factores de risco e protecção em estudo, foi utilizado o coeficiente de correlação momento-produto de Pearson.

A tabela 17 mostra os diversos indicadores e as respectivas correlações relativamente à exclusão, à vitimação de gravidade média, e vitimação de gravidade extrema.

Tabela 17 - Correlação das Vítimas de exclusão, de Gravidade média e Extrema com os factores de risco

		VÍTIMAS DE EXCLUSÃO		GRAVIDADE MÉDIA		GRAVIDADE EXTREMA	
		R	p	r	p	r	p
Escola	Ambiente escolar	-0,18	0,000	-0,198	0,000	-0,117	Ns
	Envolvimento escolar	-0,21	Ns	-0,095	Ns	-0,084	Ns
	Baixo rendimento escolar	0,02	Ns	0,011	Ns	0,106	Ns
	Insucesso escolar	0,04	Ns	0,014	Ns	0,097	Ns
Amigos	Comportamento transgressivo	0,27	0,000	0,326	0,000	0,235	0,000
	Dificuldade de relacionamento	-0,12	0,009	-0,100	Ns	-0,060	Ns
	Aceitação por parte dos amigos	-0,45	0,000	-0,324	0,000	-0,221	0,000
Familia	Suporte afectivo familiar	-0,20	0,000	-0,248	0,000	-0,270	0,000
	Supervisão parental	-0,14	0,005	-0,131	0,007	-0,160	0,001
	Imposição de regras	-0,04	Ns	-0,090	Ns	-0,004	Ns
	Elogios dos pais	-0,09	Ns	-0,007	Ns	-0,029	Ns
Comportamentos e crenças	Comportamento transgressivo	0,01	Ns	0,093	Ns	0,209	0,000
	Crenças	0,185	0,000	0,295	0,000	0,218	0,000
Personalidade	Neuroticismo	-0,02	Ns	-0,055	Ns	-0,027	Ns
	Extroversão	-0,04	Ns	-0,088	Ns	-0,061	Ns
	Psicoticismo	-0,11	Ns	-0,117	Ns	-0,039	Ns

3.1– Escola

Relativamente ao ao ambiente escolar, verificamos que apresenta uma correlação negativa com as vítimas de exclusão ($r = -0,175$, $p \leq 0,01$), bem como com os de gravidade média ($r = -0,198$, $p \leq 0,01$) o que significa que as vítimas percebem o ambiente escolar como sendo negativo, nestes dois tipos de vitimação.

No que se refere ao envolvimento escolar, o baixo rendimento e o insucesso escolar, não foram encontradas correlações significativas com os tipos de vitimação analisados.

3.2– Amigos

Quanto ao comportamento transgressivo do grupo de pares, verificamos a existência de uma correlação positiva com as vítimas de exclusão ($r = 0,273$, $p \leq 0,01$), de gravidade média ($r = 0,328$, $p \leq 0,01$) e de gravidade extrema ($r = 0,235$, $p \leq 0,01$), isto é, sujeitos cujo amigos manifestam comportamentos transgressivos apresentam níveis mais elevados em ambos os tipos de vitimação.

Quanto às dificuldades de relacionamento com os colegas, existe uma correlação negativa com as vítimas de exclusão ($r = -0,123$), o que indica que neste tipo de vítimas, se verifica a existência de dificuldades em se relacionarem com o seu grupo de pares.

Relativamente á aceitação dos amigos, verificou-se também a existência de uma correlação negativa, no que diz respeito aos três tipos de vitimação, nomeadamente de Exclusão ($r = -0,445$, $p \leq 0,01$), de Gravidade média ($r = -0,324$, $p \leq 0,01$), e de Gravidade extrema ($r = -0,221$), indicando desta forma, que as vítimas têm dificuldades em ser aceites pelo grupo de pares.

3.3– Família

No que diz respeito ao suporte afectivo, verificamos que apresenta uma correlação negativa na exclusão ($r = -0,20$, $p \leq 0,001$), na Gravidade média ($r = -0,25$, $p \leq 0,001$) e na Gravidade extrema ($r = -0,27$, $p \leq 0,001$), o que indica que as vítimas apresentam um fraco suporte afectivo.

Relativamente ao indicador supervisão parental, verificamos que apresenta uma correlação negativa nas vítimas de exclusão ($r = 0,138$, $p \leq 0,01$), de Gravidade Média ($r = -0,131$, $p \leq 0,01$), e de Gravidade Extrema ($r = -0,160$, $p \leq 0,01$), demonstrando desta forma que os sujeitos pouco supervisionados pelos pais apresentam níveis mais elevados na vitimação.

No que diz respeito à imposição de regras e dos elogios por parte dos pais, não foram encontradas correlações, o que indica que quer as regras, quer os elogios não influí significativamente nos tipos de vitimação.

3.4– Comportamentos e crenças do próprio

Relativamente ao comportamento transgressivo do próprio, verificamos que apresenta uma correlação positiva, nas Vítimas de Gravidade Extrema ($r = 0,209$, $p \leq 0,01$), o que indica que indivíduos que são vítimas de agressões graves apresentam comportamentos transgressivos.

Quanto às crenças sobre a agressividade, verificamos que apresenta uma correlação positiva com as vítimas de exclusão ($r = 0,185$, $p \leq 0,01$), de Gravidade Média ($r = 0,295$, $p \leq 0,01$), e de Gravidade Extrema ($r = 0,218$, $p \leq 0,01$).

Desta forma, isto indica, que as vítimas consideram que o comportamento agressivo favorece os agressores, nomeadamente no estatuto que adquirem junto dos colegas, sendo os mais “fortes”, e “populares” da escola. Consideram que o medo é sinal de covardia, e que a denuncia dos actos de agressão representa um sinal de fraqueza.

3.5- Personalidade

Quanto ao factor da personalidade, nomeadamente aos indicadores Neuroticismo, da Extroversão, e Psicoticismo, não foram encontradas correlações significativas com os três tipos de vitimação.

4- Estudos de previsão

Com o objectivo de apurar os indicadores que se apresentam como melhores preditores em cada um dos três tipos de vitimação, realizaram-se três análises de regressão. Cada uma das análises mostra modelos explicativos da variação da variável dependente adequados e capazes de explicar: Exclusão ($F=9,82$; $p=0,000$; $R^2=0,306$), Gravidade média ($F=7,94$; $p=0,000$; $R^2=0,263$) e Gravidade extrema ($F=5,23$; $p=0,000$; $R^2=0,191$).

Tabela 18 - Regressões da Exclusão, Gravidade média e Gravidade extrema em função dos factores de risco

		VÍTIMAS DE EXCLUSÃO			GRAVIDADE MÉDIA			GRAVIDADE EXTREMA		
		β	t	p	β	t	p	β	t	p
Escola	Ambiente escolar	-,08	-0,56	Ns	,02	-1,19	Ns	,07	-0,09	Ns
	Envolvimento escolar	,14	-0,83	,010	,08	0,08	Ns	,11	1,48	Ns
	Baixo rendimento escolar	,03	-1,41	Ns	-,06	-0,40	Ns	-,01	1,11	Ns
	Insucesso escolar	-,04	2,58	Ns	,00	1,36	Ns	,08	1,88	Ns
Amigos	Comportamento transgressivo	,22	4,20	,000	,21	4,06	,000	,09	1,76	Ns
	Dificuldade de relacionament	-,06	-1,33	Ns	-,05	-1,17	Ns	-,02	-0,51	Ns

	o									
	Aceitação por parte dos amigos	-,40	-9,08	Ns	-,27	-5,94	,000	-,17	-3,70	,000
Família	Suporte afectivo familiar	-,09	-1,34	Ns	-,05	-0,77	Ns	-,16	-2,25	Ns
	Supervisão parental	-,07	-1,59	Ns	-,02	-0,39	Ns	-,07	-1,36	Ns
	Imposição de regras	,09	1,92	Ns	-,04	-0,78	Ns	,05	1,07	Ns
	Elogios dos pais	-,01	-0,16	Ns	-,09	-1,65	Ns	-,09	-1,44	Ns
Comportamentos e crenças	Comportamento transgressivo	-,06	-1,14	Ns	-,06	-1,02	Ns	,10	1,83	Ns
	Crenças	,09	1,70	Ns	,21	3,87	,000	,15	2,65	,008
Personalidade	Neuroticismo	-,26	-1,58	Ns	-,21	-1,27	Ns	-,22	-2,35	Ns
	Extroversão	-,13	-0,93	Ns	-,22	-1,58	Ns	,06	0,40	Ns
	Psicoticismo	-,09	-1,54	Ns	-,07	-1,27	Ns	-,07	1,19	Ns
	Sinceridade	-,01	-0,10	Ns	-,01	-0,17	Ns	,04	0,72	Ns
	Conduta Anti-social	,42	1,74	Ns	,43	1,71	Ns	,44	1,68	Ns

4.1 – Vítimas de Exclusão

Através deste modelo explicativo de uma parte da variância, reteve-se o envolvimento escolar ($\beta = ,138$; $t = 2,58$; $p = 0,01$), comportamento transgressivo ($\beta = ,215$; $t = 4,20$; $p = 0,000$) e Aceitação por parte dos amigos ($\beta = -,395$; $t = -9,08$; $p = 0,000$).

Desta forma, o nível de exclusão é determinado positivamente pelo envolvimento escolar e o comportamento transgressivo dos amigos, e é influenciado negativamente pela aceitação por parte dos amigos.

4.2 – Vítimas de gravidade média

Através deste modelo explicativo de uma parte da variância, reteve-se o comportamento transgressivo dos amigos ($\beta = ,244$; $t=4,06$; $p=0,000$), a aceitação por parte dos amigos ($\beta = -,267$; $t=-5,94$; $p=0,000$) e as crenças ($\beta = ,212$; $t=3,87$; $p=0,000$).

Desta forma, a vitimação de gravidade média é determinada positivamente pelo comportamento transgressivo dos amigos, e pelas crenças, e negativamente pela aceitação por parte dos amigos.

4.3- Vítimas de Gravidade Extrema

Através deste modelo explicativo de uma parte da variância, reteve-se as crenças ($\beta = ,152$; $t=2,65$; $p=0,008$) e a aceitação por parte dos amigos ($\beta = -,174$; $t=-3,70$; $p=0,000$).

Desta forma, a vitimação de gravidade extrema é determinada positivamente pelas crenças, e negativamente pela aceitação por parte dos amigos.

VII- Discussão

Numa primeira análise dos resultados, verificamos que mais de metade da amostra já foi alvo de agressões por parte dos colegas, sendo que este espectro de agressão varia desde um simples acto até uma agressão muito grave. No entanto é de salientar que a nossa amostra apresenta níveis de vitimação mais baixos comparativamente com a amostra espanhola.

Numa análise mais aprofundada, classificamos a vitimação em função da sua gravidade, através do estudo de três factores, nomeadamente da Exclusão na qual se incluem os actos de agressão social; da Gravidade média em que se incluem os actos de agressão verbal; e da Gravidade extrema em que se incluem os actos de agressão física e sexual.

Através desta análise verificamos que a vitimação ocorre na sua maioria sob a forma de exclusão. Isto revela que os actos de agressões a que as vítimas são alvo ocorrem essencialmente através das agressões sociais, nomeadamente através da exclusão da vítima do grupo de amigos, da rejeição, ou do impedimento na participação de actividades lúdicas ou de lazer.

No que diz respeito ao sexo, de acordo com diversos estudos (Ramires et al, 2001; Martins, 2005) que referem que as vítimas são maioritariamente do sexo masculino, pôde-se constatar através desta investigação, que não foram encontradas diferenças, não indo ao de encontro com os estudos.

Quanto ao ano de escolaridade, outros estudos (Martins, 2005), referem que a vitimação apresenta uma tendência a diminuir com o aumento do ano de escolaridade, mas no entanto uma vez mais, não foram encontradas diferenças, não indo ao de encontro com os estudos.

No que se refere ao sistema de crenças, verificamos que aponta no sentido da valorização da agressividade. Estes resultados, vêm desta forma corroborar com outros estudos. Desta forma, constatamos que as vítimas consideram os agressores como indivíduos populares entre o grupo de pares, valorizando desta forma o estatuto do agressor, tornando a vítima mais vulnerável aos actos de agressividade (Perry, Perry e Rasmussen, 1986).

Além disto pôde-se constatar, que as vítimas percebem o pedido de ajuda, como um comportamento de cobardia, e que o pedir ajuda a alguém quando são alvo de agressões, é um indicio de fraqueza, pois demonstra que não têm capacidade de se defenderem a si próprios quando estão perante um agressor.

Quanto ao comportamento das vítimas, os nossos resultados vêm contrariar com outras investigações que afirmam que as vítimas raramente apresentam comportamentos transgressivos (Ramirez, 2001). Ora através da análise destes resultados, e que contraria com a nossa hipótese formulada, constatamos a existência de comportamentos transgressivos, no que diz respeito às vítimas de Gravidade extrema, e que pode dever-se ao facto de estas vítimas serem alvo de agressões mais graves, originando nestes um impulso agressivo, que pode funcionar em certa parte com um mecanismo de defesa, e de adaptação a uma situação que pode ter ficado insustentável para a vítima podendo desta forma perder o seu autocontrolo (Ramirez, 2001).

No que diz respeito à família, e através da análise dos nossos resultados, verificamos que as vítimas apresentam um diminuído suporte afectivo, indo assim de encontro com outras investigações, que consideram que as vítimas apresentam uma estrutura familiar passiva, e relaxada dando pouco sentido aos sinais dados pelos filhos que são vítimas (Kazdin, 2001). Desta forma as vítimas têm pais que demonstram pouco interesse pelas actividades escolares dos filhos, não tendo a percepção no que acontece no dia-a-dia do seu filho, e consequentemente não valorizam, ou não dão a atenção necessária para escutar os problemas da criança, podendo ser um claro indicio da existência de uma fraca ligação afectiva entre os membros nestas famílias (Olweus, 1995).

Quanto à supervisão parental, concluímos que os nossos resultados contrariam estudos de outros autores, que afirmam que as vítimas apresentam uma maior supervisão parental (Ramirez, 2001; Olweus, 1995). Estes resultados podem dever-se ao facto de em certas situações o contexto familiar da vítima não diferir muito em relação à do agressor, havendo certos autores que afirmam mesmo que o contexto familiar pode por vezes não ser significativo nas relações de agressão ou vitimação (Schwartz et al, 1997).

No grupo de pares, verificou-se que as vítimas apresentam dificuldades de relacionamento com os outros jovens, apresentando dificuldades de aceitação por parte do grupo de pares, sendo que estes resultados vêm corroborar outros estudos (Ramirez, 2001; Olweus, 1995; Martins, 2005; Carvalhosa, 2001), que também concluíram que as vítimas na sua maioria, apresentam poucos amigos devido às dificuldades em fazerem amizades, sendo que estes fracos relacionamentos na escola, provoca nas vítimas sentimentos de exclusão e solidão, pois encontram-se sós e sem amigos.

A percepção que as vítimas têm do ambiente escolar é negativa, o que vem corroborar com outros estudos (Batsche & Knoff, 1994; Díaz-Aguado, 2005), que afirmam, que as vítimas consideram que a escola não possui regras adequadas que possam castigar os agressores, não existindo desta forma um sistema eficaz de disciplina, e que faz com que o comportamento agressivo continue. Quanto ao envolvimento escolar não foram encontradas diferenças.

No que se refere às características da personalidade, e apesar de diversos estudos (Ramirez, 2001; Martins, 2005) indicarem que as vítimas apresentam níveis elevados de neuroticismo e introversão e baixos no psicoticismo, no nosso estudo não foram encontradas diferenças.

Depois de ter sido realizada uma análise da influência dos factores de risco na vitimação, analisamos ainda os indicadores que melhor prevêm os três tipos de vitimação estudados.

Verificamos assim que a vitimação de Exclusão é determinada positivamente pelo envolvimento escolar e pelo comportamento transgressivo dos amigos, e é determinado negativamente pela aceitação por parte dos amigos. Isto é, os níveis de exclusão são tanto mais baixos quanto mais elevados forem o comportamento transgressivo dos amigos, e o envolvimento escolar, e apresentam-se mais elevados quanto menor for a aceitação por parte dos amigos.

Quanto à Gravidade média, concluímos que é influenciada positivamente pelos comportamentos transgressivos dos amigos e pelas crenças e é influenciada negativamente pela aceitação por parte dos amigos. Desta forma verificamos que a Gravidade média apresenta valores mais baixos

quanto mais elevado forem o comportamento transgressivo dos amigos e o envolvimento escolar. Consideramos ainda que os níveis da gravidade média são tanto mais elevados quanto maior for a aceitação por parte dos amigos.

No que diz respeito à Gravidade extrema, verificamos que é influenciada positivamente pelas crenças, e é influenciada negativamente pela aceitação por parte dos amigos. Desta forma concluímos que a Gravidade extrema apresenta valores mais baixo quanto maior for as crenças. Consideramos ainda que os níveis de Gravidade extrema são mais elevados quanto menor for a aceitação por parte dos amigos.

É de salientar que apesar de os factores de risco relacionados com a família tenham encontrado correlações significativas com os níveis de vitimação, não parecem desempenhar um papel importante na previsão dos níveis de vitimação. É importante salientar que a vitimação de Exclusão, Gravidade média e Gravidade extrema encontram-se principalmente influenciados por factores associados grupo de pares.

VIII – Conclusão

Através desta investigação foi possível identificar os factores de risco que contribuem para a vitimação em contexto escolar.

Foi possível determinar que os factores mais influentes são os amigos, verificando-se que as vítimas apresentam dificuldades em se relacionarem com outros jovens da escola, e para além disto, têm dificuldades em serem aceites pelo seu grupo de pares.

Constatamos que os factores de risco que se encontram correlacionados com o nível de vitimação são o ambiente escolar, o comportamento transgressivo dos amigos, as dificuldades de relacionamento, a aceitação por parte dos amigos, o suporte afectivo familiar, a supervisão familiar, o comportamento transgressivo do próprio e as crenças sobre a agressividade.

Relativamente à escola foi possível determinar que as vítimas da nossa amostra percebem a sua escola como tendo um ambiente escolar negativo, pois acreditam que esta não possui as regras necessárias para punir os autores das agressões. Verificou-se que apresentam dificuldades em se relacionarem com os outros, não sendo aceites pelos seus grupos de pares.

Quanto à família, foi possível determinar que as vítimas estão inseridas em famílias que dão um fraco suporte afectivo, não havendo interesse na vida escolar e pessoal dos seus filhos. Também é de salientar que as vítimas apresentam uma fraca supervisão parental.

No que diz respeito aos comportamentos e crenças, concluímos através dos nossos resultados que as vítimas apresentam em certas situações comportamentos agressivos, e um sistema de crenças sobre a agressividade que as torna mais vulneráveis de serem vítimas.

Foi ainda possível, encontrar dois modelos explicativos para os três tipos de vitimação. Sendo assim podemos dizer que as variáveis que melhor explicam a vitimação de exclusão são o envolvimento escolar, o comportamento transgressivo e aceitação por parte dos amigos. O conjunto de variáveis que melhor explica a vitimação de Gravidade média é comportamento transgressivo dos amigos, as crenças e aceitação por parte dos amigos. No que

diz respeito à vitimação de Gravidade extrema, as variáveis que melhor explicam são as crenças e a aceitação dos amigos.

VIII- Bibliografia

Batsche, G. M., & Knoff, H.M., (1994). *Bullies and their victims understanding a pervasive problem in the schools.*

Beck, G. (1995). *Bullying among young offenders in custody.* Retirado do PsycLIT: Bullying and Delinquency.

Carvalhosa, S., Lima, L., Matos, M. *Análise Psicológica* (2001), 4 (XIX): 523-537

Díaz-Aguado, M. (2005). La violencia entre iguales en la adolescencia y su prevención desde la escuela. *Psicothema*, 17, 4, 549-558.

Díaz-Aguado, M., Arias, R., & Seoane, G. (2004). *La violència entre iguaes en la escuela y en el ocio.* 1ª Éd., Madrid: Instituto de la Juventud.

Eysenck H.J. *Manuel of the Eysenck personality Questionnaire*, London, Hodder and Stoughton, 1975.

Kazdin, A; Casal, B; (2001) “*Conduta Anti-social*”, McGraw-Hill

Martins, M., *Condutas agressivas na adolescência: Factores de risco e protecção.* *Análise Psicológica* (2005), 2 (XXIII): 129-135

Martins, M., *Agressão e vitimação entre adolescentes em contexto escolar.* *Análise Psicológica* (2005), 4 (XXIII): 401-425

Matos, M., Simões, C., Carvalhosa, S., Reis, C., & Canha, L. (2000). *A saúde dos adolescentes portugueses*. Faculdade de Motricidade Humana/PEPTSaúde/GPT da CMLisboa.

Matos, M., Negreiros, J., Simões, C., & Gaspar, T. (2009). *Violência, bullying e delinquência: Gestão de problemas de saúde em meio escolar*. Lisboa: Coisas de ler.

Pereira, B., Almeida, A. (1994). *Projecto Bullying*, Lisboa, Portugal.

Olweus, D. (1995) "*Bullying at school*". Oxford: Blackwell

Olweus, D. (1997). Bully/victim problems in school: facts and intervention. *European journal of psychology of education*, 12 (4), 495-511

Orpinas, P., Horne, A "Bullying prevention : creating a positive school climate and developing social competence, 1ª Edição, USA.

Perry, D., Perry, L., & Rasmussen, P. (1986). Cognitive social learning mediators of aggression. *Child Development*, 57, 3, 700-711.

Ramirez, F. (2001) "*Conduitas agressivas na idade escolar*", McGraw-Hill.

Schwartz, D., Dodge, K., Pettit, G.S., & Gates, J.E. (1997). *The early socialization of aggressive victims of bullying*. *child development*, 68(4), 665-675

Seixas, S.,(2005). *Violência escolar: Metodologias de identificação dos alunos agressores e/ou vítimas*. *Análise Psicológica*, 2 (xxiii): 97-110

STRECHT, P. (2008). *A minha escola não é esta*. Lisboa, Assírio & Alvim, 1ª Edição

Anexos

Anexo 1

(Questionário de factores de risco da
agressão em contexto escolar)

**Questionário de Factores de risco da Agressão em contexto escolar
(Bruno, Ponteira, Quintas & Serra, 2009)**

DADOS DEMOGRÁFICOS

A – És rapaz ou rapariga?

1 – Rapaz 2 – Rapariga

B – Que idade tens? _____ anos.

C – Em que ano estás? _____ ano.

D – Com quem vives?

1 - Pai 2 - Mãe 3 – Irmãs/Irmãos 4 – Outros: Quem? _____

Nº total de pessoas do teu agregado familiar? _____

	PAI	MÃE
Profissão		
Habilitações académicas		

E –

F – Estado civil do teu pai?

1 - Casado 2 - Divorciado 3 - Viúvo 4 – Solteiro 5 - Outro _____

G – Estado civil da tua mãe?

1 – Casada 2 – Divorciada 3 – Viúva 4 – Solteira 5 – Outro _____

H – Onde moras?

1 – Vivenda 2 – Andar/Apartamento 3 – Bairro Social 4 – Bairro de barracas

ACERCA DE TI

A – Já reprovaste algum ano?

1 – Nunca reprovei 2 – Reprovei uma ou duas vezes 3 – Reprovei três ou mais vezes

B – Gostas dos recreios?

1 – Não gosto nada 2 – Não gosto 3 – Gosto um pouco 4 - Gosto muito

C – Achas-te forte fisicamente?

1 – Nunca 2 – Às vezes 3 – Muitas vezes 4 – Sempre

D – Achas-te fraco fisicamente?

1 – Nunca 2 – Às vezes 3 – Muitas vezes 4 – Sempre

E – Tens alguma deficiência física?

1 – Não 2 – Sim. Qual? _____

F – Praticas desporto?

1 – Nunca 2 – Às vezes 3 – Muitas vezes 4 – Sempre

G - Gostas da escola?

1 – Nunca 2 – Às vezes 3 – Muitas vezes 4 – Sempre

H - Tens negativas?

1 – Não 2 – três ou menos 3 – entre três e seis 4 – mais de seis

I - Tens interesse em actividades extracurriculares?

1 – Nunca 2 – Às vezes 3 – Muitas vezes 4 – Sempre

J - Achas que estudar é importante para o teu futuro?

1 – Nunca 2 – Às vezes 3 – Muitas vezes 4 – Sempre

K - Participas em actividades organizadas pela escola?

1 – Nunca 2 – Às vezes 3 – Muitas vezes 4 – Sempre

L - Alguma vez sentis-te medo na escola?

1 – Nunca 2 – Às vezes 3 – Muitas vezes 4 – Sempre

M - Tens dificuldades em enfrentar os teus problemas sozinho?

1 – Nunca 2 – Às vezes 3 – Muitas vezes 4 – Sempre

N - Preocupas-te com o que os outros pensam de ti?

1 – Nunca 2 – Às vezes 3 – Muitas vezes 4 – Sempre

ACERCA DOS AMIGOS

A – Tens facilidade em arranjar amigos?

1 – Nunca 2 – Às vezes 3 – Muitas vezes 4 – Sempre

B – Quando tens problemas pessoais costumavas partilhar com algum amigo?

1 – Nunca 2 – Às vezes 3 – Muitas vezes 4 – Sempre

C – Costuma brincar com os teus amigos na escola?

1 – Nunca 2 – Às vezes 3 – Muitas vezes 4 – Sempre

D – Quantas vezes te aconteceu, este ano, que os outros colegas não quiseram brincar/conversar contigo e acabaste por ficar sozinho?

1 – Nunca aconteceu 2 – Só uma ou duas vezes 3 – Três ou quatro vezes 4 – Cinco vezes ou mais

E – Os teus amigos aceitam-te como és?

1 – Nunca 2 – Às vezes 3 – Muitas vezes 4 – Sempre

F - Os teus amigos costumam faltar às aulas?

1 – Nunca 2 – Às vezes 3 – Muitas vezes 4 – Sempre

G - Os teus amigos costumam ser mal comportados nas aulas?

1 – Nunca 2 – Às vezes 3 – Muitas vezes 4 – Sempre

H - Os teus amigos costumam embriagar-se?

1 – Nunca 2 – Às vezes 3 – Muitas vezes 4 – Sempre

I - Os teus amigos costumam usar drogas?

1 – Nunca 2 – Às vezes 3 – Muitas vezes 4 – Sempre

J - Os teus amigos costumam fazer pequenos roubos?

1 – Nunca 2 – Às vezes 3 – Muitas vezes 4 – Sempre

K - Os teus amigos costumam agredir outros?

1 – Nunca 2 – Às vezes 3 – Muitas vezes 4 – Sempre

ACERCA DA FAMÍLIA

A – Quando sais os teus pais sabem onde andas?

1 – Nunca 2 – Às vezes 3 – Muitas vezes 4 – Sempre

B – Quando os teus pais te castigam:

1 – Não me castigam 2 – Não te deixam ouvir música 3 – Não te deixam ver T.V.
4 – Batem-te 5 – Não te deixam sair com os amigos 6 – Cortam-te a
mesada/semanada

C – Quando tens problemas costumavas contar aos teus pais?

1 – Nunca 2 – Às vezes 3 – Muitas vezes 4 – Sempre

D – Quando tens problemas na escola os teus pais ajudam-te?

1 – Nunca 2 – Às vezes 3 – Muitas vezes 4 – Sempre

E – Os teus pais encorajam-te a ter boas notas?

1 – Nunca 2 – Às vezes 3 – Muitas vezes 4 – Sempre

F – Os teus pais impõem-te regras?

1 – Nunca 2 – Às vezes 3 – Muitas vezes 4 – Sempre

G – Os teus pais deixam-te sair sozinho ou com amigos?

1 – Nunca 2 – Às vezes 3 – Muitas vezes 4 – Sempre

H – Os teus pais são muito protectores?

1 – Nunca 2 – Às vezes 3 – Muitas vezes 4 – Sempre

I – Os teus pais conhecem os teus amigos?

1 – Nunca 2 – Às vezes 3 – Muitas vezes 4 – Sempre

J – Os teus pais participam em actividades/reuniões na escola?

1 – Nunca 2 – Às vezes 3 – Muitas vezes 4 – Sempre

K – Os teus pais elogiam-te quando tiras boas notas ou te portas bem?

1 – Nunca 2 – Às vezes 3 – Muitas vezes 4 – Sempre

L – Os teus pais ajudam-te nos trabalhos de casa?

1 – Nunca 2 – Às vezes 3 – Muitas vezes 4 – Sempre

M – Costumas realizar actividades de lazer com os teus pais?

1 – Nunca 2 – Às vezes 3 – Muitas vezes 4 – Sempre

ACERCA DA ESCOLA

A – Os professores ajudam-te quando tens dificuldades no estudo?

1 – Nunca 2 – Às vezes 3 – Muitas vezes 4 – Sempre

B – Sentes que os professores estão disponíveis para te ajudar?

1 – Nunca 2 – Às vezes 3 – Muitas vezes 4 – Sempre

C – A escola faz campanhas contra a violência escolar?

1 – Nunca 2 – Às vezes 3 – Muitas vezes 4 – Sempre

D – A escola castiga quem anda à bulha, insulta ou rouba?

1 – Nunca 2 – Às vezes 3 – Muitas vezes 4 – Sempre

E – Sentes que os professores te incentivam a ter boas notas?

1 – Nunca 2 – Às vezes 3 – Muitas vezes 4 – Sempre

F - Sentes que a tua escola tem bom ambiente?

1 – Nunca 2 – Às vezes 3 – Muitas vezes 4 – Sempre

G - Sentes que a tua escola tem regras adequadas?

1 – Nunca 2 – Às vezes 3 – Muitas vezes 4 – Sempre

H - Sentes que a tua escola é justa quando castiga algum aluno?

1 – Nunca 2 – Às vezes 3 – Muitas vezes 4 – Sempre

ACERCA DOS COMPORTAMENTOS

A – Já alguma vez faltaste às aulas?

1 – Nunca 2 – Às vezes 3 – Muitas vezes 4 - Sempre

B – Já alguma vez vandalizaste o espaço escolar?

1 – Nunca 2 – Às vezes 3 – Muitas vezes 4 - Sempre

C – Já alguma vez andaste armado? (ex: navalha)

1 – Nunca 2 – Às vezes 3 – Muitas vezes 4 - Sempre

D - Já alguma vez tiraste alguma coisa que não te pertencia?

1 – Nunca 2 – Às vezes 3 – Muitas vezes 4 – Sempre

E - Já alguma vez usaste drogas ilegais?

1 – Nunca 2 – Às vezes 3 – Muitas vezes 4 – Sempre

F - Já alguma vez ficaste embriagado?

1 – Nunca 2 – Às vezes 3 – Muitas vezes 4 – Sempre

ACERCA DE SER AGREDIDO E AGREDIR

A – Quando foste agredido, o (s) colega (s) que te agrediu/agrediram era(m):

- 1 – Não fui agredido
- 2 – Mais novo (s) que tu
- 3 – Mais velho (s) que tu
- 4 – Da mesma idade que tu

B – Na tua opinião, quantos colegas foram agredidos na escola, este período?

- 1 – Nenhuma 2 – Um colega 3 – Dois colegas 4 – Três colegas
- 5 – Quatro colegas 6 – Cinco colegas 7 – Seis ou mais

C – Alguma vez foste agredido na escola ao ponto de precisares de cuidados médicos?

- 1 – Não 2 – Sim. Quantas vezes? _____

D – O que pensas dos colegas que são agredidos pelos outros?

- 1 – São agredidos porque provocaram 2 – São agredidos sem terem culpa
- 3 – São pouco populares 4 – Não se sabem defender

E - Achas que um aluno que tem medo de outro é um covarde?

- 1 – Nunca 2 – Às vezes 3 – Muitas vezes 4 – Sempre

F - Achas que se pedires ajuda a alguém para te defenderes vão achar que não vales nada?

- 1 – Nunca 2 – Às vezes 3 – Muitas vezes 4 – Sempre

G - Achas que os professores devem intervir quando dois alunos andam à bulha?

1 – Nunca 2 – Às vezes 3 – Muitas vezes 4 – Sempre

H - Achas que se contasses a alguém que um aluno te ameaçava isso faria de ti um queichinhas?

1 – Nunca 2 – Às vezes 3 – Muitas vezes 4 – Sempre

I - Quando agrides alguém achas que ganhas alguma coisa com isso?

1 – Não agrido ninguém 2– Nunca 3 – Algumas vezes 4 – Muitas vezes 5 -
Sempre

J - Quando agrides alguém tens medo de ser punido?

1 – Não agrido ninguém 2– Nunca 3 – Algumas vezes 4 – Muitas vezes 5 -
Sempre

K –Algun professor falou contigo acerca de teres agredido outro (s) colega (s)?

1 – Não agredi ninguém 2 – Não, nenhum professor falou comigo

3 – Sim. Que aconteceu?

3.1 – nada

3.2 – deu-me um sermão

3.3 – fui castigado

L - Os teus pais falaram contigo acerca de teres agredido outro (s) colega (s)?

1 – Não agredi ninguém

2 – Não, não falaram comigo

3 – Sim. Que aconteceu?

3.1 – nada

3.2 – deram-me um sermão

3.3 – fui castigado

M – O que pensas dos colegas que agridem outros?

1 – Querem humilhar os outros

2 – Não compreendo porque o fazem

3 – Gostam de mandar e são fortes

4 – Aborrece-me muito que o façam

N - Achas que os alunos agressivos são mais populares?

1 – Nunca 2 – Às vezes 3 – Muitas vezes 4 – Sempre

O - Achas que é necessário meter medo aos outros para seres respeitado?

1 – Nunca 2 – Às vezes 3 – Muitas vezes 4 – Sempre

P - Achas que um aluno tem o direito de arranhar o carro de um professor se este lhe deu uma má nota injustamente?

1 – Nunca 2 – Às vezes 3 – Muitas vezes 4 – Sempre

Q - Achas justo bater em alguém que te roubou ou insultou?

1 – Nunca 2 – Às vezes 3 – Muitas vezes 4 – Sempre

Anexo 2

(Questionário de Avaliação da violência na
escola e nos tempos livres)(CEVEO)

Questionário da avaliação da violência na escola e nos tempos livres (CEVEO)

Díaz-Aguado, Arias e Seoane (2004)

A - Em baixo encontram-se uma série de perguntas que descrevem várias situações pelas quais passam rapazes e raparigas na escola e na relação com os seus colegas. Pensa se já passaste por alguma destas situações e rodeia com um círculo a resposta que reflecte a frequência com que esta sucedeu durante os últimos meses.

1 – Nunca 2 – Às vezes 3 – Muitas vezes 4 – Sempre

1 – Os meus colegas ignoram-me	1 2 3 4
2 – Os meus colegas rejeitam-me	1 2 3 4
3 – Os meus colegas impedem-me de participar	1 2 3 4
4 – Insultam-me	1 2 3 4
5 – Chamam-me nomes que me ofendem ou ridicularizam	1 2 3 4
6 – Falam mal de mim	1 2 3 4
7 – Escondem-me coisas	1 2 3 4
8 – Destroem-me coisas	1 2 3 4
9 – Roubam-me coisas	1 2 3 4
10 – Batem-me	1 2 3 4
11 – Ameaçam-me para me meter medo	1 2 3 4
12 – Obrigam-me a fazer coisas que não quero através de ameaças (dar-lhes dinheiro; fazer-lhes recados)	1 2 3 4
13 – Intimidam-me com frases e insultos de carácter sexual	1 2 3 4
14 – Obrigam-me, com ameaças, a ter comportamentos ou atitudes de carácter sexual que não quero ter	1 2 3 4
15 – Ameaçam-me com armas (ex: paus ou navalhas)	1 2 3 4

B – Durante os últimos meses fizeste alguma das coisas abaixo indicadas, incomodando algum colega dentro da escola?

1 – Nunca 2 – Às vezes 3 – Muitas vezes 4 – Sempre

16 – Rejeitando-o	1 2 3 4
17 – Ignorando-o	1 2 3 4
18 – Impedindo-o de participar em algo	1 2 3 4
19 – Insultando-o	1 2 3 4
20 – Chamando nomes que o ofendem e ridicularizam	1 2 3 4
21 – Falando mal dele(a)	1 2 3 4
22 – Escondendo-lhe as coisas	1 2 3 4
23 – Destruindo-lhe as coisas	1 2 3 4
24 – Roubando-lhe coisas	1 2 3 4
25 – Batendo-lhe	1 2 3 4
26 – Ameaçando-o para lhe meter medo	1 2 3 4
27 – Obrigando-o a fazer coisas que não quer através de ameaças (dar-me dinheiro, fazer-me recados)	1 2 3 4
28 – Intimidando-o com frases ou insultos de carácter sexual	1 2 3 4
29 – Obrigando-o, com ameaças, a ter comportamentos ou atitudes de carácter sexual que não quer ter	1 2 3 4
30 – Ameaçando-o com armas (ex: paus ou navalhas)	1 2 3 4

C – Durante os últimos meses aconteceu aos teus colegas algo como o que está descrito abaixo e que tu tenhas tido conhecimento mas não os acusaste?

1 – Nunca 2 – Às vezes 3 – Muitas vezes 4 – Sempre

31 – Rejeitaram-no	1 2 3 4
32 – Ignoraram-no	1 2 3 4
33 – Impediram-no de participar em algo	1 2 3 4
34 – Insultaram-no	1 2 3 4
35 – Chamaram-lhe nomes que o ofendem e ridicularizam	1 2 3 4
36 – Falaram mal dele(a)	1 2 3 4
37 – Esconderam-lhe as coisas	1 2 3 4

38 – Destruíram-lhe as coisas	1 2 3 4
39 – Roubaram-lhe coisas	1 2 3 4
40 – Bateram-lhe	1 2 3 4
41 – Ameaçaram-no para lhe meter medo	1 2 3 4
42 – Obrigaram-no a fazer coisas que não quer através de ameaças (dar-me dinheiro, fazer-me recados)	1 2 3 4
43 – Intimidaram-no com frases ou insultos de carácter sexual	1 2 3 4
44 – Obrigaram-no, com ameaças, a ter comportamentos ou atitudes de carácter sexual que não quer ter	1 2 3 4
45 – Ameaçaram-no com armas (ex: paus ou navalhas)	1 2 3 4

D – Quando acontece uma das situações anteriores, a ti ou a algum colega teu, quem intervém para ajudar e até que ponto intervém ou podias pedir ajuda?

1 – Nunca 2 – Às vezes 3 – Muitas vezes 4 – Sempre

		A ti	A um
colega			
3 4	46 – Os amigos	1 2 3 4	1 2
3 4	47 – Os colegas	1 2 3 4	1 2
3 4	48 – Os professores (as)	1 2 3 4	1 2
3 4	49 – O meu pai	1 2 3 4	1 2
3 4	50 – A minha mãe	1 2 3 4	1 2
3 4	51 – Outra pessoa	1 2 3 4	1 2

Quem? _____

E – Durante os últimos meses qual é a atitude ou comportamento dos professores perante os problemas mencionados anteriormente.

1 – Nunca 2 – Às vezes 3 – Muitas vezes 4 – Sempre

52 – Trabalham activamente para prevenir estes problemas	1 2 3 4
53 - Não se interessam	1 2 3 4
54 – Olham para outro lado	1 2 3 4
55 – Não sabem impedi-los	1 2 3 4
56 – Intervêm activamente para acabar com esses problemas	1 2 3 4
57 – Actuam como mediadores para ajudar a resolver os problemas	1 2 3 4
58 – Podemos contar com os professores quando alguém nos incomoda	1 2 3 4

F – Durante os últimos meses qual foi a tua atitude ou comportamento quando algum dos teus colegas agrediu ou insultou outro.

1 – Nunca 2 – Às vezes 3 – Muitas vezes 4 – Sempre

59 – Tento acabar com a situação se é meu amigo(a)	1 2 3 4
60 – Tento acabar com a situação mesmo não sendo meu amigo(a)	1 2 3 4
61 – Peço ajuda a um professor(a) Quem? _____	1 2 3 4
62 – Não faço nada, mas penso que devia fazer	1 2 3 4
63 – Não faço nada, o problema não é meu	1 2 3 4
64 – Meto-me com ele ou com o grupo	1 2 3 4

Anexo 3

(Questionário de personalidade para crianças e jovens)

Questionário de Personalidade para crianças e jovens (EPQ-J)

H. J. Eysenck e S.B. G. Eysenck (1975)

1. Gostas de muita animação à tua volta? Sim Não
2. Mudas facilmente de disposição? Sim Não
3. Gostas de fazer mal às pessoas de quem gostas? Sim Não
4. Aborreces-te com facilidade? Sim Não
5. Costumas divertir-te a dizer piadas que podem magoar os outros? Sim Não
6. Fazes sempre imediatamente o que te pedem? Sim Não
7. Às vezes pensas em coisas que não te deixam dormir? Sim Não
8. Na escola fazes sempre o que te mandam? Sim Não
9. Gostavas que os outros tivessem medo de ti? Sim Não

10. És uma pessoa cheia de energia? Sim Não
11. Há coisas que te aborrecem? Sim Não
12. Gostavas de abrir e cortar animais numa aula? Sim Não
13. Às vezes sentes-te triste e infeliz sem razão? Sim Não
14. Às vezes gostas de tratar mal os animais? Sim Não
15. Já alguma vez fizeste de conta que não ouvias quando te chamam? Sim Não
16. Gostavas de explorar
uma casa velha onde te dissessem que havia fantasmas? Sim Não
17. Achas muitas vezes que a vida é aborrecida? Sim Não
18. Achas que és mais rebelde ou respondão que os outros? Sim Não
19. Acabas sempre os teus deveres antes de te ires divertir? Sim Não
20. Gostas de ser rápido a fazer as coisas? Sim Não
21. Preocupas-te com coisas horríveis que podem acontecer? Sim Não

22. Quando ouves os outros dizerem palavrões, tu manda-los calar? Sim Não
23. Consegues organizar e animar uma festa? Sim Não
24. Ficas facilmente magoado quando os outros não gostam do que dizes ou do que fazes? Sim Não
25. Pedes sempre desculpa quando és mal-educado? Sim Não
26. Achas que há alguém que se queira vingar de ti porque pensa que tu lhe fizeste mal? Sim Não
27. Gostavas de fazer sky aquático? Sim Não
28. Sentes-te muitas vezes cansado sem razão? Sim Não
29. Gostas de te divertir a arreliar os outros? Sim Não
30. Estás sempre calado se os mais velhos estão a falar? Sim Não
31. Ficas facilmente ofendido? Sim Não
32. Achas que te metes em muitas brigas? Sim Não

33. Já alguma vez disseste coisas feias ou más acerca de outra pessoa? Sim Não
34. Gostas de contar anedotas ou piadas aos teus amigos? Sim Não
35. Às vezes sentes tonturas? Sim Não
36. Na escola metes-te em mais sarilhos do que os outros? Sim Não
37. Geralmente apanhas os papeis e o lixo que os outros deitam no chão da sala de aula? Sim Não
38. Tens muitos passatempos e interessas-te por muitas coisas? Sim Não
39. Ficas magoado com facilidade? Sim Não
40. Gostas de pregar partidas de mau gosto? Sim Não
41. Lavas sempre as mãos antes das refeições? Sim Não
42. Numa festa, preferes ficar sentado a olhar do que participares e divertires-te? Sim Não
43. Muitas vezes sentes-te farto e chateado com tudo? Sim Não

44. Achas engraçado, às vezes,

ver um grupo de crianças a arrelhar outras mais novas?

Sim

Não

45. Portas-te sempre bem na aula, mesmo quando a
professora não está?

Sim

Não

46. Às vezes estás tão irrequieto

que não consegues ficar sentado muito tempo?

Sim

Não

47. Gostavas de ir à lua se tivesses maneira para isso?

Sim

Não

48. Na igreja cantas sempre com os outros?

Sim

Não

49. Gostas de andar misturado com os outros?

Sim

Não

50. Tens pesadelos muitas vezes?

Sim

Não

51. Os teus pais são demasiado exigentes contigo?

Sim

Não

52. Gostas de sair sem dizer nada a ninguém?

Sim

Não

53. Gostarias de praticar pára-quedismo?

Sim

Não

54. Ficas preocupado

- durante muito tempo se sentes que fizeste figura de parvo? Sim Não
55. Gostas de remédios de sabor forte, tipo xarope para a tosse? Sim Não
56. Comes sempre tudo o que te põem no prato? Sim Não
57. Consegues descontrair-te e divertir-te numa festa animada? Sim Não
58. Às vezes achas que a vida não vale a pena ser vivida? Sim Não
59. Já alguma vez foste mal-educado com os teus pais? Sim Não
60. Andas frequentemente na lua quando estás a fazer um trabalho? Sim Não
61. Os teus pais embirram muitas vezes contigo? Sim Não
62. Gostas de mergulhar
ou de te atirares à água no mar ou numa piscina? Sim Não
63. É difícil adormecer quando andas preocupado com alguma coisa? Sim Não
64. Em casa, achas que andas sempre metido em sarilhos? Sim Não

65. Os outros pensam que és uma pessoa cheia de energia? Sim Não
66. Sentes-te muitas vezes só? Sim Não
67. Gostas muito de sair com os amigos? Sim Não
68. Já alguma vez fizeste batota ao jogo? Sim Não
69. Sentes-te umas vezes muito alegre e
outras vezes muito triste sem nenhuma razão para isso? Sim Não
70. Deitas papéis no chão se houver um caixote de lixo perto? Sim Não
71. Habitualmente és uma pessoa alegre e bem disposta? Sim Não
72. Alguma vez disseste que foste tu que fizeste coisas
que foram feitas por outra pessoa? Sim Não
73. Consideras-te uma pessoa satisfeita da vida? Sim Não
74. Muitas vezes, sentes que precisas de
amigos que te compreendam e te animem? Sim Não
75. Já alguma vez perdeste ou partiste coisas que eram de
outra pessoa? Sim Não

76. Gostavas de conduzir ou de andar numa mota a grande velocidade? Sim Não
77. És frequentemente acusado de coisas que nunca fizeste? Sim Não
78. És uma pessoa nervosa? Sim Não
79. Quando vais de carro, preocupa-te poderes ter um acidente? Sim Não
80. Eras capaz de dizer uma mentira aos teus pais para não teres um castigo? Sim Não
81. Causou-te algum mal-estar preencher este questionário? Sim Não

Anexo 4

(Primeira folha do questionário)



Questionário

Este questionário destina-se a um estudo sobre o relacionamento entre jovens.

Lê com atenção as questões que se seguem e responde com o máximo de sinceridade, pondo um **círculo** à volta do número que corresponde à tua resposta. No caso de te enganares podes riscar e fazer o círculo na resposta correcta.

Não te esqueças que o preenchimento deve ser feito em silêncio e cada um responde por si.

No final, verifica se respondeste a todas as questões.

Lembramos que as respostas são confidenciais, servindo apenas para a realização deste estudo.

Desde já agradecemos a tua colaboração.

Anexo 5

(Artigo)

Factores de Risco e Protecção associados às vítimas em Contexto Escolar

Bruno Alves e Jorge Quintas

Departamento de Psicologia do

Instituto Superior de Ciências da Saúde – Norte

UnIPSa

Resumo

O presente estudo tem como principais objectivos analisar a dimensão e as tipologias da violência escolar e sua diferenciação em função de variáveis socio-demográficas, bem como a análise dos factores de risco e protecção subjacentes à vítima.

Este estudo empírico contou com uma amostra de 425 alunos de uma escola básica do Grande Porto, sendo 49,2 % do sexo masculino (N=290), e 49,2% do sexo feminino (N=290), avaliados por 3 instrumentos, nomeadamente o Questionário de Factores de Risco (QFR), o Questionário de Avaliação da violência na escola e nos tempos livres (CEVEO), e pelo Questionário de Personalidade para crianças e jovens (EPQ-J).

No estudo, foi verificado que 68% da amostra sofre, ou já sofreu situações de agressão, tendo-se constatado que a vitimação ocorre na sua maioria sob a forma de exclusão nomeadamente, através dos actos de ignorar, e do impedimento de participar em actividades com o grupo de pares, e a segunda mais verificada, foi a agressão verbal através do insulto

A terceira agressão mais aferida foi a física, através do pontapear, e a agressão que surge como sendo a menos frequente, é a agressão de carácter sexual em que uma percentagem muito reduzida referiu ter sido alvo de frases, insultos ou atitudes de carácter sexual.

Relativamente às hipóteses formuladas não houve diferenças no que diz respeito às variáveis sócio-demográficas. Quanto aos factores de risco constatou-se que as vítimas percebem o ambiente escolar como sendo negativo, apresentando dificuldades em serem aceites pelo grupo de pares. No que diz respeito à família, verificou-se que as vítimas apresentam um fraco suporte afectivo, assim como uma supervisão parental diminuída.

Constatou-se também, que as vítimas consideram que o comportamento agressivo favorece os agressores, nomeadamente no estatuto que adquirem junto dos colegas sendo desta forma reconhecidos como sendo os mais “fortes” e “populares”.

Abstract

The present study aims mainly to examine the size and types of school violence and its differentiation in terms of demographic variables and also the analysis of risk factors and underlying protection to the victim.

This empirical study involved a sample of 425 students at a primary school of Porto, with 49.2% male (N = 290), and 49.2% female (N = 290) were evaluated by 3 instruments in particular the Questionnaire Risk Factors (QRF), the Questionnaire for Assessment of violence in school and leisure time (CEVEO), and the Personality Questionnaire for children and young people (EPQ-J).

In the study was verified that 68% of the sample have, or have experienced situations of aggression, it was found that the victimization occurs mostly in the form of exclusion in particular, through the acts of disregard, and from participating in activities with the peer group, and the second most observed, was the verbal aggression by the insult.

The third assault was the most measured physical, by kicking, and aggression that is shown to be less frequent, is the assault of a sexual nature that a very small percentage reported having been the target of phrases, insults or attitudes of a sexual nature.

For the assumptions made there were no differences with regard to socio-demographic variables. As to the risk factors was found that the victims perceive the school environment as being negative, presenting difficulties in being accepted by the peer group. With respect to the family, it was found that victims have a low emotional support, as well as a decreased parental supervision.

It was also found that the victims believe that aggressive behavior favors the attackers; particularly in acquiring status among peers is thus recognized as the most "powerful" and "popular."

Factores de Risco e Protecção associados às vítimas em Contexto Escolar

O tema da violência escolar tem sido nestes últimos anos alvo de diversos estudos por diversas entidades, que se deve essencialmente ao aumento desta prática nas escolas, e que provocou uma crescente preocupação por parte da sociedade em geral, e por parte da comunidade educativa, nomeadamente de pais, professores, e dos próprios alunos (Martins, 2005).

Sempre existiu nas escolas portuguesas este fenómeno que tanto preocupa, os pais, os alunos, e a sociedade em geral, que é a violência escolar, sendo que este fenómeno só recentemente tenha começado a ser estudo, pelas suas implicações na vida dos alunos, pais e professores (Matos et al, 2000).

Este crescente interesse pela investigação desta temática deve-se às repercussões que os comportamentos agressivos têm nos jovens, podendo haver consequências ao nível da integração educativa, e ao nível da saúde, havendo repercussões nefastas em diversos domínios de vida dos alunos (Seixas, 2005).

É importante analisar e esclarecer alguns conceitos relacionados com a vitimação em contexto escolar, como o *bullying*, a agressividade, e a violência escolar frequentemente utilizados de forma, por vezes, indistinta na literatura.

Desta forma, o primeiro autor que utilizou a expressão de Bullying foi Dan Olweus, nos estudos que efectuou na Noruega, sendo que este termo de origem inglesa foi utilizado para classificar determinados comportamentos de agressão/vitimação que ocorrem nas escolas entre pares, (Martins, 2005).

O termo original era de Mobbing que implicava ser normalmente um grupo grande e anónimo de indivíduos que assediavam outro, (Olweus, 1994). No entanto para além de um grupo, este assédio e comportamento agressivo poderia ser realizado por uma única pessoa como foi demonstrado pelos estudos de Bergen, em que cerca de 35-40% dos jovens vitimizados foram vítimas de Bullying por um único aluno, (Olweus, 1995).

Olweus (1995, 1997), definiu o bullying dizendo que « um aluno está a ser provocado ou vitimado quando é exposto repetidamente e ao longo do tempo através de acções negativas por parte de um ou mais estudantes».

Estas acções negativas podem ser realizadas através do uso de palavras (ameaça, insultos, provocações e chamar nomes), e através do contacto físico (empurrar, pontapear), havendo desta forma dois tipos de Bullying, nomeadamente o Bullying Directo e o Bullying indirecto. No entanto, mesmo que uma simples ocorrência de Bullying mais grave possa ser considerada como Bullying, em certas circunstâncias, a significação de “acções negativas” remete para situações de agressão/vitimação que são realizadas repetidamente e ao longo do tempo, (Olweus, 1995).

Este fenómeno pode também ser definido como a violência mental ou física dirigida por um ou mais estudantes sobre um aluno que não se pode defender a si próprio nessa situação de agressão, (Ramirez, 2001).

Diferenciando o bullying de outros conceitos, verificamos que a violência escolar, se caracteriza como sendo um tipo de violência que ocorre nas escolas, e que surge como forma de um individuo, ou grupo utilizar a agressão, a manipulação, a sedução, o poder ou influência física e psicológica com o principal objectivo de ferir o outro, e como forma de demonstração de poder e domínio (Matos et al, 2009). A violência escolar inclui a utilização de armas, sendo no entanto de realçar que esta violência não é somente dirigida aos alunos, havendo desta forma episódios de violência face a professores e auxiliares. (Matos et al, 2000).

A agressividade surge como uma conduta que tem como principal objectivo ferir alguém causando danos a pessoas ou animais, na destruição de propriedades, no roubo, ou na violação das normas, (Ramirez, 2001).

É de salientar que a agressividade pode ser considerada normal até um determinado ponto, pois é normal que uma criança ou adolescente apresente impulsos agressivos adaptativos, mas no entanto se este comportamento tiver subjacente a um estado emocional e hostil em que o objectivo desse mesmo comportamento é o de magoar intencionalmente outro, estaremos perante um acto de agressão (Matos et al, 2000).

Desta forma, o Bullying, surgiu como resposta à necessidade de caracterizar um tipo particular de violência que se tem verificado nas escolas, ocorrendo somente entre o grupo de alunos (Matos et al, 2000).

Desta forma, diversos autores consideram o Bullying como uma subcategoria do comportamento agressivo, e da violência escolar (Ramirez, 2001).

No que diz respeito às consequências do bullying, muitos autores têm focado a sua atenção para estas consequências, pois é um fenómeno que só recentemente tem sido estudado, e que pode ter repercussões muito graves devido às acções daqueles que sofrem, sofreram e/ou praticam Bullying.

A preocupação das instituições cresceu devido a graves agressões de vítimas que sofriam de bullying, havendo um reconhecimento maior na década de 90 após o massacre de Columbine Littleton em que dois jovens efectuaram vários assassinatos a estudantes da escola acabando os dois por se suicidarem, e depois de ter sido efectuado uma investigação, tinha-se descoberto que durante anos, estes dois alunos tinham sido alvos de bullying por parte dos colegas da escola (Beck, 1995).

Estas agressões tendem a ser persistentes pois quando um aluno ou grupo de alunos intimida outro aluno através das agressões físicas e psicológicas gera-se na sala de aula uma trama de relações grupais que reforça a sua capacidade agressiva, fundamentalmente através do medo (Ramirez, 2001).

Para além disto, normalmente a vítima não é defendida por nenhum colega, pois estas agressões de que são alvo, faz com que crie apoio junto dos outros colegas para gozar e reprimir a vítima (Ramirez, 2001).

Factores de risco e protecção

Existe uma série de factores de risco que tornam a criança/adolescente mais susceptível de ser vítima de agressão.

No entanto há certos autores que chamam a atenção para o facto de ter que se ter em conta o significado do conceito de “risco” ou “estar em risco” uma vez que pode ter dois significados diferentes (Jessor, 1992; cit in Martins, 2005).

O “estar em risco”, significa o aumento da probabilidade de risco para a saúde do indivíduo, e de este se envolver ou estar envolvido em condutas de bullying, remetendo desta forma para um momento tardio no desenvolvimento do risco. Para as crianças e adolescentes que estão ainda envolvidos em comportamentos de Bullying, o “estar em risco”, remete para os antecedentes psicossociais, que podem aumentar a probabilidade de um jovem se envolver em comportamentos de bullying. (Jessor, 1992; cit in Martins, 2005).

Factores relacionados com a criança

Existe uma diversidade de factores relacionados com a criança que a tornam mais vulnerável de ser vítima, assim como factores que tornam a criança mais propícia a ser agressiva para com os outros, ou seja, que apresenta factores de risco que aumentem a probabilidade de envolvimento em atitudes violentas, seja como vítimas, seja como agressores (Matos et al, 2001).

As vítimas apresentam um série de características que as rotula de vítimas, nomeadamente a idade que é inferior aos agressores, a aparência física caracterizada pela obesidade denotando-se assim mais fragilidade, sendo que o seu rendimento escolar se apresenta na maior parte das vezes superior ao dos agressores. (Olweus, 1995). Quanto ao sexo, a maioria das vítimas são rapazes, (Ramirez, 2001).

Outro dos factores tem a ver com o temperamento da criança, em que o temperamento denomina traços importantes da personalidade que apresentam alguma solidez, através das situações e do tempo (Kazdin e Casal, 2001).

Isto verificou-se através da possibilidade de identificar as diferenças em crianças de pouca idade, baseando-se em certos traços tais como a actividade psicomotora da criança, a sua reactividade emocional, e as suas diferenças de humor e a sua adaptabilidade social. As crianças “fáceis” apresentam na maior parte das vezes um humor positivo, apresentando um interesse mais elevado por estímulos e situações novas, assim como uma maior adaptabilidade à mudança, contrariamente às crianças “difíceis” que apresentam normalmente uma conduta diferente das outras crianças, sendo desta forma mais propensas a manifestar comportamentos mais agressivos (Reitsma-Street, Offord e Finch, 1985 cit in Kazdin e Casal, 2001).

É de salientar também a existência de certas crenças que as vítimas possuem e que a tornam mais vulnerável, na medida em que apresentam uma tendência em considerar os agressores como sujeitos populares no seio do grupo de pares, originando nestes indivíduos um sentimento de confiança, dando-lhes a motivação necessária para a utilização da agressividade para atingirem os seus objectivos com sucesso. (Perry, Perry e Rasmussen, 1986).

Outro dos factores relacionados com a criança, tem a haver com o seu rendimento escolar. Através de vários estudos realizados, verifica-se que o comportamento agressivo tal como a vitimação está relacionado com um fraco rendimento escolar apesar de as vítimas apresentarem níveis ligeiramente superiores, por uma falta de apoio dos professores, e por uma fraca e inconsistente disciplina na sala de aula (Matos et al, 2001).

No entanto, verificou-se através de outro estudo realizado com professores de uma escola, que para eles, a maior parte dos problemas apresentados pelos alunos, sejam elas agressoras ou vítimas, se deve essencialmente a conflitos derivados da inadequação e do desajustamento das condutas sociais, e não tendo tanta influência o seu rendimento escolar (Lindsay, 1965 cit in Ramirez, 2001).

No entanto este fraco rendimento escolar não pode ser um critério por si só para caracterizarmos um agressor ou uma vítima, não significando necessariamente que a disfunção académica constitua um factor de risco (Wadsworth, 1979; West, 1992; Mayor e Urra, 1991, cit in Kazdin e casal, 2001).

Segundo Ramirez (2001), um factor que pode determinar a criança a ser ou não alvo de bullying, consiste nas suas capacidades sociais que são determinantes para todos os propósitos educativos, e o facto de a vítima se apresentar fragilizada, faz com que raramente apresentem comportamentos transgressivos.

Factores relacionados com os pais e familiares

Um dos factores relacionados com a vitimação reside na base genética, nomeadamente no papel dos factores genéticos (Kazdin, 2001).

Para tal foi realizado um estudo com gémeos monozigóticos e dizigóticos, para se demonstrar a influência genética no comportamento de agressão/vitimação, sendo que foi demonstrado que

havia uma maior correspondência do comportamento agressivo entre os gémeos monozigóticos, do que os gémeos dizigóticos (Kazdin, 2001).

A interacção entre filhos e pais também apresenta um grande revelo no comportamento do filho, nomeadamente nas práticas disciplinares e educativas, na forma como lidam com as atitudes dos filhos.

Para Jessor (cit in Martins, 2005), na base genética e biológica encontra-se uma das possíveis razões para a explicação dos comportamentos de bullying entre os jovens, que pode passar pelo alcoolismo dos pais sendo um factor de risco, e por outro lado o elevado nível de inteligência como factor de protecção.

Alguns estudos, demonstram que os pais mais severos e rigorosos na educação dos seus filhos, aumentam a probabilidade de estes apresentarem comportamentos mais agressivos, contrariamente aos pais mais protectores, que aumentam a probabilidade de tornar a criança mais vulnerável de ser vítima (Matos et al, 2001).

Contrariamente, Schwartz (1997), afirma que o contexto familiar das vítimas não difere das crianças que não são alvo de violência, afirmando que o contexto familiar pode não ser significativo.

No entanto, a dureza e a hiper protecção não se apresentam por si só como os factores determinantes destes comportamentos de vitimação/agressão, uma vez, que uma educação mais relaxada e permissiva pode levar a um aumento de risco principalmente nos agressores, daí que as vítimas na sua generalidade apresentem um diminuído suporte afectivo (Kazdin, 2001).

Desta forma pode-se constatar que as vítimas apresentam um fraco suporte afectivo por parte da família, que se caracteriza desta forma pelo desinteresse dos pais nas actividades escolares dos seus filhos, nas suas actividades do dia-a-dia, não dando atenção aos problemas pessoais deles, sendo um indicio da existência de fracos vínculos afectivos neste tipo de famílias (Olweus, 1995).

Verifica-se muito nestas crianças que são vítimas de agressões um baixo nível de autonomia, havendo uma maior supervisão parental (Ramirez, 2001).

Relativamente à classe social, verifica-se que as vítimas pertencem a uma comunidade com estatuto socioeconómico predominantemente médio e alto, com boas infra-estruturas, contrariamente com o que acontece com os agressores que possuem infra-estruturas fracas ou inexistentes (Matos et al, 2001).

Factores relacionados com a escola

O ambiente escolar foi estudado por diversos autores como um dos factores que mais contribui para o risco do comportamento de bullying, sendo que as escolas podem caracterizar-se de muitos modos, incluindo a sua organização, e proporção entre docentes e alunos (Kazdin, 2001).

Dependendo do tipo de regras, e práticas educativas feita pelas diversas escolas, existem algumas em que o índice de bullying é muito inferior relativamente a outras escolas.

As escolas com um baixo índice de violência, caracterizam-se por serem escolas em que existe forte vínculos entre professores, assim como dos professores para com os alunos. Há um maior compromisso por parte das escolas em ensinar, proteger e prevenir situações de conflito, nomeadamente de agressão e vitimação, através da promoção de competências sociais e cognitivas, assim como a existência de um forte compromisso com as aprendizagens académicas, verificando-se ainda que são escolas que apresentam uma maior capacidade de resposta para com os problemas dos alunos, assim como um maior respeito pela comunidade e cultura juvenis (Martins, 2005).

A respeito das escolas foram vários os estudos já realizados, tendo-se verificado através de um estudo em 12 escolas secundárias, que pretendia avaliar a relação escola-aluno, o apoio académico dado pela instituição, o rendimento académico dos alunos assim como os índices de violência. Verificou-se a existência de vários factores que influenciam directamente para a diminuição do comportamento de Bullying nas escolas, nomeadamente o incentivo ao estudo, o tempo que o professor dedica às aulas, o reforço do comportamento dado pelos professores relativamente aos trabalhos efectuados pelos alunos, o responsabilizar os alunos pelos seus actos, as boas condições de trabalho, assim como a atenção que os professores disponibilizam para ajudar os jovens nos seus problemas e expectativas (Rutter, 1979; cit in Kazdin, 2001).

Para Ramires (2001), um das formas de diminuir os comportamento de bullying dentro da sala de aula seria através do alinhamento das carteiras dos alunos diante das secretárias dos professores, pois desta forma isso evitaria do isolamento e a inibição dos alunos socialmente desintegrados, facilitando desta forma a interacção entre os alunos.

Este sistema raramente é posto em prática sendo, que encontramos na maior parte das escolas as carteiras dispostas na vertical umas atrás das outras, sendo que desta forma se torna mais possível de as vítimas serem agredidas sem que os professores se apercebam do que está a acontecer.

Já Cowie (2000 cit in Martins, 2005), refere através de uma investigação que os aconselhamentos, ou a mediação entre pares, é um método mais eficaz, na medida em que as vítimas recorrem a esse sistema de apoio dispondo desta forma alguém com quem falar e que os apoie, uma vez que as vítimas tendem a ter uma personalidade mais fragilizada com baixa auto-estima.

Olweus (1997), refere que as vítimas tendem a ser agredidas no 1º e 2º ciclo, através de agressões físicas, sendo que a partir do 3º ciclo estas agressões físicas diminuem, surgindo mais as agressões verbais, de carácter mais relacional e indirecto. Através de diversos estudos, pôde-se constatar que a vitimação diminui com o nível de escolaridade, ou seja que existe uma diminuição das agressões à medida que se avança no nível de escolaridade (Martins, 2005; Olweus, 1997).

As vítimas tendencialmente, consideram a escola desagradável, pois é o contexto onde são alvo das agressões por parte dos colegas, fazendo com que tenham um menor envolvimento pelas actividades escolares, pois a rejeição de que são alvo na maior parte das vezes, faz com que tenham receio em se envolverem em actividades escolares (Martins, 2005).

As vítimas consideram que a escola não possui regras adequadas que permitem castigar os agressores, não existindo um sistema eficaz de disciplina, e que faz com o comportamento agressivo continue, daí que as vítimas percepcionem o ambiente escolar como sendo negativo (Batsche & Knoff, 1994; Díaz-Aguado, 2005).

Factores relativos ao grupo de pares

No que diz respeito ao grupo de pares, verifica-se que as vítimas são crianças que podem apresentar fobia escolar recusando-se a ir à escola, e que se deve essencialmente ao medo de represálias por parte dos colegas, daí que tenham dificuldades em estabelecer relações de amizade com os colegas, e não consigam ser aceites pelo seu grupo de pares (Berthold & Hoover, 2000).

Apresentam índices elevados quanto rejeição, e muito baixos quanto à aceitação, e ao nível das relações entre pares (Ramirez, 2001). As vítimas na sua maioria tem muito poucos amigos, apresentando grandes dificuldades em fazerem amizades, e que se deve essencialmente à rejeição por parte do grupo de pares (Olweus, 1994; Martins, 2005; Carvalhosa, 2001).

Estes fracos relacionamentos na escola, gera nas vítimas sentimentos de exclusão e solidão, pois sentem-se sozinhos e sem amigos, e que faz com que sejam alvos mais fáceis de agressão, e por serem os alvos, gera nos colegas o medo de se relacionarem com estas crianças, pois receiam que ao andarem com estas, elas próprias também sejam posteriormente alvo de bullying (Orpinas, 2006).

Factores relativos à Personalidade

Quanto às características de personalidade, verifica-se nas vítimas uma elevada ansiedade, timidez, um maior acatamento das regras e normas, e um elevado nível de retraimento devido à introversão, daí que raramente apresentem comportamentos transgressivos (Ramirez, 2001). Relativamente à componente mais neurótica e psicótica da personalidade, verifica-se na maior parte dos casos, que as vítimas apresentam baixos níveis de psicotismo, e níveis médios relativo ao neuroticismo. (Ramirez, 2001).

Para Martins (2005), as vítimas apresentam também uma baixa auto-estima, e têm tendência para manifestar um auto conceito desfavorável, assim como sintomas depressivos, insegurança e ansiedade.

Strecht (2008), sugere uma explicação mais psicodinâmica para explicar as vítimas de bullying, pois segundo ele as vítimas são quase sempre crianças e adolescentes particulares que apresentam traços de fragilidade, já presentes antes da posição de vítimas e que precisam sempre de um grande suporte emocional.

As vítimas têm frequentemente certos traços que a caracterizam, nomeadamente numa dificuldade de organização das defesas face a situações externas sentidas como traumáticas, uma dificuldade de relação, e que frequentemente provêm de famílias onde o suporte afectivo é frouxo ou pouco eficaz na sequência do padrão de relação estabelecido como a super protecção materna (Strecht, 2008).

Método

Caracterização da amostra

Neste estudo, participaram 425 alunos da escola básica do Grande Porto, sendo 49,2% do sexo masculino (n =290), e 49,2% do sexo feminino (n= 290), não havendo desta forma predominância de um sexo relativamente a outro.

Do total da amostra 7 sujeitos não responderam à questão do género.

Da totalidade da amostra, constata-se que as idades variam dos 9 aos 19 anos, sendo que neste estudo foram abrangidos o 5º ano (24%), 6º ano (17,2%), 7º ano (25,4%), 8º ano (16%), e por fim o 9º ano (16,9%).

Instrumentos

Os instrumentos utilizados na investigação foram seleccionados, de forma a avaliar e estudar as variáveis em estudo, nomeadamente os factores de risco e protecção das vítimas de bullying.

Questionário de factores de risco da agressão em contexto escolar (Alves, Ponteira, Quintas & Serra, 2009)

Este questionário, foi realizado de forma a avaliar as variáveis em estudo baseadas na literatura, nomeadamente dos factores relacionados com a escola, da família, do grupo de amigos, do próprio indivíduo, e da percepção das crianças face às vítimas, e aos agressores, e aborda ainda os dados demográficos de cada participante.

O questionário é formado por 77 itens, segundo uma escala de Likert, em que a resposta varia entre o “Nunca”, “às vezes”, “muitas vezes” e “sempre”, exceptuando algumas das questões.

Questionário de Avaliação da violência na escola e nos Tempos Livres (CEVEO)

Este questionário, da autoria de Díaz-Aguado, Arias e Seoane (2004), foi adaptado e traduzido para a população portuguesa, e pretende avaliar as situações de violência entre os adolescentes, no meio escolar e fora dele, avaliando 9 dimensões. No entanto, na adaptação portuguesa foram retiradas 3 dimensões do questionário original, uma vez, que não eram relevantes para o estudo.

Caracteriza-se por ser de auto-preenchimento, em que os adolescentes relatam a frequência de situações em que foram vítimas, ou agressoras, e as situações em que foram observadoras de situações de Bullying.

O questionário é desta forma constituído por 70 itens, distribuídos por 6 dimensões, numa escala de Likert em que a resposta varia entre o “Nunca”, “às vezes”, “muitas vezes” e “sempre”.

Questionário de Personalidade para crianças e jovens (EPQ-J)

Foi realizado uma tradução da adaptação espanhola deste questionário (Seisdedos & Cordero, 1995), adaptada pela Editora TEA, da autoria de H. J. Eysenck e S.B. Eysenck (1975).

Pretende avaliar várias dimensões da personalidade, nomeadamente o Neuroticismo, a Extroversão, o Psicoticismo, a Sinceridade e a conduta anti-social, sendo que é constituído por 81 itens com resposta de “sim” ou “não”.

Procedimentos

Neste presente estudo, a recolha de dados foi realizada pelos investigadores, tendo sido solicitado a autorização junto do Concelho Executivo da Escola Básica do Grande Porto para a aplicação dos instrumentos.

Os questionários foram aplicados durante a disciplina de formação cívica, sendo distribuídos por cada aluno, para o seu preenchimento. Antes disso foram explicados os objectivos da investigação, e da importância da sinceridade no preenchimento do mesmo, assegurando a confidencialidade dos resultados.

Durante o preenchimento dos questionários, os investigadores estiveram sempre presentes de forma a esclarecer as dúvidas que surgiam, devido à dificuldade de alguns alunos na interpretação de algumas perguntas.

Os dados foram recolhidos em todas as turmas da escola nos meses de Abril, Maio e Junho, sendo que o preenchimento dos questionários tinha a duração de 50 minutos, que correspondiam à duração da aula.

Após a recolha dos questionários, procedeu-se ao tratamento dos dados através do SPSS, versão 18.0.

Foram utilizadas estatísticas descritivas, testes de comparação de médias, análises de variações, correlações e regressões.

Resultados

Dimensão do problema

De forma a analisar, e verificar a frequência das vítimas do estudo, recorreu-se a um largo critério de identificação, nomeadamente, através de simples actos de exclusão, passando pelas agressões físicas, psicológicas, e por fim as de carácter sexual.

Sendo assim são consideradas vítimas todos os sujeitos que sofreram uma ou mais vezes alguma conduta agressiva e que tenham respondido afirmativamente em qualquer Item do bloco de questões referentes às situações de vitimação do questionário CEVEO.

Desta forma, uma primeira análise mostrou-nos que 68% da nossa amostra (N= 289) sofre ou já sofreu situações de agressão. Os restantes 31,8% da amostra (N=135) referem nunca ter sofrido situações de agressão.

Realizou-se a análise da gravidade da vitimação recorrendo a três factores encontrados no questionário CEVEO de Díaz-Aguado et al. (2004).

A autora do questionário CEVEO, através de uma análise factorial, verificou que os 15 Itens em 3 factores, permitem classificar a vitimação em função da sua gravidade. Os três factores foram designados de **exclusão** (Itens 1,2,3,4 e 6), da **vitimação de gravidade média** (Itens 5,7,8,9,10 e 11) e da **vitimação de gravidade extrema** (Itens 12,13,14 e 15).

De forma a estabelecer comparação com o estudo realizado em Espanha, agregamos os resultados dos 3 factores supracitados e comparamos as médias nas duas amostras, realizando a análise da percentagem acima dos pontos de corte (percentil 90) no presente estudo.

Assim sendo, no que diz respeito à vitimação de gravidade média, verificou-se, que 17,2% da nossa amostra (N= 74) se encontra acima do percentil 90.

Relativamente à vitimação de gravidade extrema verificou-se que 9,3% da amostra (N=40) está acima do percentil 90.

Desta forma, e comparando os resultados da nossa amostra portuguesa, com os resultados do estudo espanhol, com a mesma finalidade de avaliar as situações de violência escolar através da utilização do questionário CEVEO, podemos concluir que os níveis de vitimação, ao nível da exclusão, da gravidade média e da gravidade extrema são menores na amostra portuguesa.

Relativamente à amostra do estudo, efectuou-se a caracterização dos alunos quanto às variáveis sócio-demográficas, nomeadamente ao sexo e ao ano de escolaridade.

Relativamente ao sexo, verificou-se através do teste de qui-quadrado que não existe diferenças da variável vitimação em função do sexo, $\chi^2(1) = 0,12$, $p=0,73$.

Através do teste de qui-quadrado também se verificou que não existem diferenças entre os diversos anos lectivos e a variável vitimação, $\chi^2(4) = 2,58$; $p = 0,63$

Factores de risco e protecção

De acordo com a literatura e com as hipóteses formuladas, foram analisados diversos factores de risco e protecção do questionário, relacionados com o Bullying. Agrupámos estes factores em cinco áreas: Escola, Família, Crenças e Comportamentos, Amigos, e Personalidade.

Cada área é composta por indicadores, constituídos por itens do questionário de Factores de Risco da agressão em contexto escolar, sendo que estes indicadores dizem respeito a itens isolados do questionário e de agrupamentos de diversos itens.

Como forma de verificar a consistência interna dos itens dos agrupamentos, procedeu-se ao cálculo do alfa de Cronbach.

Relativamente à escola, foram utilizados 2 indicadores directos, nomeadamente o rendimento escolar (numero de negativas; item: “Tens negativas”), e o insucesso escolar (numero de reprovações; item: “já reprovaste algum ano”), e 2 indicadores resultantes do agrupamento de vários Itens, nomeadamente o do “envolvimento escolar” e o “ambiente escolar”.

Analisando os 4 indicadores, verificamos que o ambiente escolar é percebido como positivo ($M = 3,03$; $dp = 0,58$) e o envolvimento escolar é elevado ($M = 2,98$; $dp = 0,63$). No que diz respeito ao rendimento escolar verifica-se que a média é de três ou menos negativas nas classificações de final de período nas várias disciplinas ($M = 1,92$; $dp = 0,94$). As médias do insucesso escolar indicam que o número de reprovações é baixo ($M = 1,30$; $dp = 0,50$).

No que diz respeito aos Comportamentos e Crenças, foram utilizados dois agrupamentos, nomeadamente os comportamentos transgressivos do próprio, e das crenças que estão por detrás do comportamento agressivo. Ao analisarmos a médias dos indicadores, constatamos que as condutas transgressivas são pouco frequentes ($M = 1,17$; $dp = 0,42$) e as crenças não vão no sentido de apoiar agressividade ($M = 1,76$; $dp = 0,60$).

No que diz respeito aos amigos, foram utilizados dois indicadores directos nomeadamente, a “Dificuldade de relacionamento” (item: “Tens facilidade em arranjar amigos?”), e a “aceitação por parte dos amigos” (item: “Os teus amigos aceitam-te como és?”), e um indicador resultante do agrupamento de vários itens resultando nos “comportamentos transgressivos dos amigos”

Analisando os 3 indicadores, concluímos que o comportamento transgressivo dos amigos é quase inexistente ($M = 1,42$; $dp = 0,37$). A confiança que os indivíduos depositam no grupo de pares apresenta-se elevada ($M = 2,80$; $dp = 1,06$), bem como o sentimento de aceitação neste mesmo grupo ($M = 3,64$; $dp = 0,72$).

No que se refere à família, foram utilizados 3 indicadores directos, nomeadamente a supervisão parental (item: “Quando saís de casa os teus pais sabem por onde andas?”), a imposição de regras (item: “Os teus pais sabem por onde andas?”), e os elogios dados pelos pais (item: “Os teus pais elogiam-te quando tiras boas notas ou te portas bem?”) e um indicador resultante do agrupamento de diversos itens, dando origem ao “suporte afectivo familiar”.

A partir das médias dos indicadores, constatamos que os indivíduos da amostra possuem um bom suporte afectivo familiar ($M = 3,21$; $dp = 0,55$). Verificamos também que o nível de supervisão parental ($M = 3,70$; $dp = 1,08$) e imposição de regras ($M = 3,16$; $dp = 0,98$) é elevado. Verificamos ainda que os pais elogiam os filhos com frequência ($M = 3,61$; $dp = 0,73$).

Quanto ao factor da personalidade, foram utilizadas as dimensões do EPQ-J nomeadamente, o neuroticismo, o psicoticismo, e extroversão.

Foram comparados os resultados da nossa amostra, com a amostra espanhola do estudo de Seisdedos & Cordero (1995), tendo sido analisado separadamente os resultados de ambos os sexos.

Desta forma e através da análise dos resultados, verifica-se que no sexo masculino os níveis de extroversão e neuroticismo são menores na amostra portuguesa. Quanto aos níveis de psicoticismo, os valores apresentam-se mais elevados na amostra portuguesa, passando-se o mesmo para o sexo feminino.

Estudos de relação

Como forma de relacionar as vítimas com os diversos factores de risco e protecção em estudo, foi utilizado o coeficiente de correlação momento-produto de Pearson.

Escola

Relativamente ao ambiente escolar, verificamos que apresenta uma correlação negativa com as vítimas de exclusão ($r = -0,175, p \leq 0,01$), bem como com os de gravidade média ($r = -0,198, p \leq 0,01$) o que significa que as vítimas percebem o ambiente escolar como sendo negativo, nestes dois tipos de vitimação.

No que se refere ao envolvimento escolar, o baixo rendimento e o insucesso escolar, não foram encontradas correlações significativas com os tipos de vitimação analisados.

Amigos

Quanto ao comportamento transgressivo do grupo de pares, verificamos a existência de uma correlação positiva com as vítimas de exclusão ($r = 0,273, p \leq 0,01$), de gravidade média ($r = 0,328, p \leq 0,01$) e de gravidade extrema ($r = 0,235, p \leq 0,01$), isto é, sujeitos cujo amigos manifestam comportamentos transgressivos apresentam níveis mais elevados em ambos os tipos de vitimação.

Quanto às dificuldades de relacionamento com os colegas, existe uma correlação negativa com as vítimas de exclusão ($r = -0,123$), o que indica que neste tipo de vítimas, se verifica a existência de dificuldades em se relacionarem com o seu grupo de pares.

Relativamente á aceitação dos amigos, verificou-se também a existência de uma correlação negativa, no que diz respeito aos três tipos de vitimação, nomeadamente de Exclusão ($r = -0,445, p \leq 0,01$), de Gravidade média ($r = -0,324, p \leq 0,01$), e de Gravidade extrema ($r = -0,221$), indicando desta forma, que as vítimas têm dificuldades em ser aceites pelo grupo de pares.

Família

No que diz respeito ao suporte afectivo, verificamos que apresenta uma correlação negativa na exclusão ($r = -0,20, p \leq 0,001$), na Gravidade média ($r = -0,25, p \leq 0,001$) e na Gravidade extrema ($r = -0,27, p \leq 0,001$), o que indica que as vítimas apresentam um fraco suporte afectivo.

Relativamente ao indicador supervisão parental, verificamos que apresenta uma correlação negativa nas vítimas de exclusão ($r = 0,138, p \leq 0,01$), de Gravidade Média ($r = -0,131, p \leq 0,01$), e de Gravidade Extrema ($r = -0,160, p \leq 0,01$), demonstrando desta forma que os sujeitos pouco supervisionados pelos pais apresentam níveis mais elevados na vitimação.

No que diz respeito à imposição de regras e dos elogios por parte dos pais, não foram encontradas correlações, o que indica que quer as regras, quer os elogios não influem significativamente nos tipos de vitimação.

Comportamentos e crenças do próprio

Relativamente ao comportamento transgressivo do próprio, verificamos que apresenta uma correlação positiva, nas Vítimas de Gravidade Extrema ($r = 0,209, p \leq 0,01$), o que indica que indivíduos que são vítimas de agressões graves apresentam comportamentos transgressivos.

Quanto às crenças sobre a agressividade, verificamos que apresenta uma correlação positiva com as vítimas de exclusão ($r = 0,185, p \leq 0,01$), de Gravidade Média ($r = 0,295, p \leq 0,01$), e de Gravidade Extrema ($r = 0,218, p \leq 0,01$).

Desta forma, isto indica, que as vítimas consideram que o comportamento agressivo favorece os agressores, nomeadamente no estatuto que adquirem junto dos colegas, sendo os mais “fortes”, e “populares” da escola. Consideram que o medo é sinal de covardia, e que a denuncia dos actos de agressão representa um sinal de fraqueza.

Personalidade

Quanto ao factor da personalidade, nomeadamente aos indicadores Neuroticismo, da Extroversão, e Psicoticismo, não foram encontradas correlações significativas com os três tipos de vitimação.

Estudos de previsão

Com o objectivo de apurar os indicadores que se apresentam como melhores preditores em cada um dos três tipos de vitimação, realizaram-se três análises de regressão. Cada uma das análises mostra modelos explicativos da variação da variável dependente adequados e capazes de explicar: Exclusão ($F=9,82$; $p=0,000$; $R^{2=0,306}$), Gravidade média ($F=7,94$; $p=0,000$; $R^{2=0,263}$) e Gravidade extrema ($F=5,23$; $p=0,000$; $R^{2=0,191}$).

Relativamente à exclusão, e através deste modelo explicativo de uma parte da variância, reteve-se o envolvimento escolar ($\beta=,138$; $t=2,58$; $p=0,01$), comportamento transgressivo ($\beta=,215$; $t=4,20$; $p=0,000$) e Aceitação por parte dos amigos ($\beta=-,395$; $t=-9,08$; $p=0,000$).

Desta forma, o nível de exclusão é determinado positivamente pelo envolvimento escolar e o comportamento transgressivo dos amigos, e é influenciado negativamente pela aceitação por parte dos amigos.

No que diz respeito à Gravidade média, reteve-se o comportamento transgressivo dos amigos ($\beta=,244$; $t=4,06$; $p=0,000$), a aceitação por parte dos amigos ($\beta=-,267$; $t=-5,94$; $p=0,000$) e as crenças ($\beta=,212$; $t=3,87$; $p=0,000$).

Desta forma, a vitimação de gravidade média é determinada positivamente pelo comportamento transgressivo dos amigos, e pelas crenças, e negativamente pela aceitação por parte dos amigos.

Quanto à Gravidade extrema, reteve-se as crenças ($\beta=,152$; $t=2,65$; $p=0,008$) e a aceitação por parte dos amigos ($\beta=-,174$; $t=-3,70$; $p=0,000$).

Desta forma, a vitimação de gravidade extrema é determinada positivamente pelas crenças, e negativamente pela aceitação por parte dos amigos.

Discussão

Numa primeira análise dos resultados, verificamos que mais de metade da amostra já foi alvo de agressões por parte dos colegas, sendo que este espectro de agressão varia desde um simples acto até uma agressão muito grave. No entanto é de salientar que a nossa amostra apresenta níveis de vitimação mais baixos comparativamente com a amostra espanhola.

Numa análise mais aprofundada, classificamos a vitimação em função da sua gravidade, através do estudo de três factores, nomeadamente da Exclusão na qual se incluem os actos de agressão social; da Gravidade média em que se incluem os actos de agressão verbal; e da Gravidade extrema em que se incluem os actos de agressão física e sexual.

Através desta análise verificamos que a vitimação ocorre na sua maioria sob a forma de exclusão. Isto revela que os actos de agressões a que as vítimas são alvo ocorrem essencialmente através das agressões sociais, nomeadamente através da exclusão da vítima do grupo de amigos, da rejeição, ou do impedimento na participação de actividades lúdicas ou de lazer.

No que diz respeito ao sexo, de acordo com diversos estudos (Ramires et al, 2001; Martins, 2005) que referem que as vítimas são maioritariamente do sexo masculino, pôde-se constatar através desta investigação, que não foram encontradas diferenças, não indo ao de encontro com os estudos.

Quanto ao ano de escolaridade, outros estudos (Martins, 2005), referem que a vitimação apresenta uma tendência a diminuir com o aumento do ano de escolaridade, mas no entanto uma vez mais, não foram encontradas diferenças, não indo ao de encontro com os estudos.

No que se refere ao sistema de crenças, verificamos que aponta no sentido da valorização da agressividade. Estes resultados, vêm desta forma corroborar com outros estudos. Desta forma, constatamos que as vítimas consideram os agressores como indivíduos populares entre o grupo de pares, valorizando desta forma o estatuto do agressor, tornando a vítima mais vulnerável aos actos de agressividade (Perry, Perry e Rasmussen, 1986).

Além disto pôde-se constatar, que as vítimas percebem o pedido de ajuda, como um comportamento de cobardia, e que o pedir ajuda a alguém quando são alvo de agressões, é um

indício de fraqueza, pois demonstra que não têm capacidade de se defenderem a si próprios quando estão perante um agressor.

Quanto ao comportamento das vítimas, os nossos resultados vêm contrariar com outras investigações que afirmam que as vítimas raramente apresentam comportamentos transgressivos (Ramirez, 2001). Ora através da análise destes resultados, e que contraria com a nossa hipótese formulada, constatamos a existência de comportamentos transgressivos, no que diz respeito às vítimas de Gravidade extrema, e que pode dever-se ao facto de estas vítimas serem alvo de agressões mais graves, originando nestes um impulso agressivo, que pode funcionar em certa parte com um mecanismo de defesa, e de adaptação a uma situação que pode ter ficado insustentável para a vítima podendo desta forma perder o seu autocontrolo (Ramirez, 2001).

No que diz respeito à família, e através da análise dos nossos resultados, verificamos que as vítimas apresentam um diminuído suporte afectivo, indo assim de encontro com outras investigações, que consideram que as vítimas apresentam uma estrutura familiar passiva, e relaxada dando pouco sentido aos sinais dados pelos filhos que são vítimas (Kazdin, 2001). Desta forma as vítimas têm pais que demonstram pouco interesse pelas actividades escolares dos filhos, não tendo a percepção no que acontece no dia-a-dia do seu filho, e consequentemente não valorizam, ou não dão a atenção necessária para escutar os problemas da criança, podendo ser um claro indicio da existência de uma fraca ligação afectiva entre os membros nestas famílias (Olweus, 1995).

Quanto à supervisão parental, concluímos que os nossos resultados contrariam estudos de outros autores, que afirmam que as vítimas apresentam uma maior supervisão parental (Ramirez, 2001; Olweus, 1995). Estes resultados podem dever-se ao facto de em certas situações o contexto familiar da vítima não diferir muito em relação à do agressor, havendo certos autores que afirmam mesmo que o contexto familiar pode por vezes não ser significativo nas relações de agressão ou vitimação (Schwartz et al, 1997).

No grupo de pares, verificou-se que as vítimas apresentam dificuldades de relacionamento com os outros jovens, apresentando dificuldades de aceitação por parte do grupo de pares, sendo que estes resultados vêm corroborar outros estudos (Ramirez, 2001; Olweus, 1995; Martins, 2005; Carvalhosa, 2001), que também concluíram que as vítimas na sua maioria, apresentam poucos amigos devido às dificuldades em fazerem amizades, sendo que estes fracos relacionamentos na escola, provoca nas vítimas sentimentos de exclusão e solidão, pois encontram-se sós e sem amigos.

A percepção que as vítimas têm do ambiente escolar é negativa, o que vem corroborar com outros estudos (Batsche & Knoff, 1994; Díaz-Aguado, 2005),

que afirmam, que as vítimas consideram que a escola não possui regras adequadas que possam castigar os agressores, não existindo desta forma um sistema eficaz de disciplina, e que faz com que o comportamento agressivo continue. Quanto ao envolvimento escolar não foram encontradas diferenças.

No que se refere às características da personalidade, e apesar de diversos estudos (Ramirez, 2001; Martins, 2005) indicarem que as vítimas apresentam níveis elevados de neuroticismo e introversão e baixos no psicoticismo, no nosso estudo não foram encontradas diferenças.

Depois de ter sido realizada uma análise da influência dos factores de risco na vitimação, analisamos ainda os indicadores que melhor prevêm os três tipos de vitimação estudados.

Verificamos assim que a vitimação de Exclusão é determinada positivamente pelo envolvimento escolar e pelo comportamento transgressivo dos amigos, e é determinado negativamente pela aceitação por parte dos amigos. Isto é, os níveis de exclusão são tanto mais baixos quanto mais elevados forem o comportamento transgressivo dos amigos, e o envolvimento escolar, e apresentam-se mais elevados quanto menor for a aceitação por parte dos amigos.

Quanto à Gravidade média, concluímos que é influenciada positivamente pelos comportamentos transgressivos dos amigos e pelas crenças e é influenciada negativamente pela aceitação por parte dos amigos. Desta forma verificamos que a Gravidade média apresenta valores mais baixos quanto mais elevado forem o comportamento transgressivo dos amigos e o envolvimento escolar. Consideramos ainda que os níveis da gravidade média são tanto mais elevados quanto maior for a aceitação por parte dos amigos.

No que diz respeito à Gravidade extrema, verificamos que é influenciada positivamente pelas crenças, e é influenciada negativamente pela aceitação por parte dos amigos. Desta forma concluímos que a Gravidade extrema apresenta valores mais baixo quanto maior for as crenças. Consideramos ainda que os níveis de Gravidade extrema são mais elevados quanto menor for a aceitação por parte dos amigos.

É de salientar que apesar de os factores de risco relacionados com a família tenham encontrado correlações significativas com os níveis de vitimação, não parecem desempenhar um papel importante na previsão dos níveis de vitimação. É importante salientar que a vitimação de Exclusão, Gravidade média e Gravidade extrema encontram-se principalmente influenciados por factores associados grupo de pares.

Bibliografia

Batsche, G. M., & Knoff, H.M., (1994). *Bullies and their victims understanding a pervasive problem in the schools.*

Beck, G. (1995). *Bullying among young offenders in custody.* Retirado do PsycLIT: Bullying and Delinquency.

Carvalhosa, S., Lima, L., Matos, M. *Análise Psicológica* (2001), 4 (XIX): 523-537

Díaz-Aguado, M. (2005). La violencia entre iguales en la adolescencia y su prevención desde la escuela. *Psicothema*, 17, 4, 549-558.

Díaz-Aguado, M., Arias, R., & Seoane, G. (2004). *La violència entre iguales en la escuela y en el ocio.* 1ª Éd., Madrid: Instituto de la Juventud.

Eysenck H.J. *Manuel of the Eysenck personality Questionnaire*, London, Hodder and Stoughton, 1975.

Kazdin, A; Casal, B; (2001) “*Conduta Anti-social*”, McGraw-Hill

Martins, M., *Condutas agressivas na adolescência: Factores de risco e protecção. Análise Psicológica* (2005), 2 (XXIII): 129-135

Martins, M., *Agressão e vitimação entre adolescentes em contexto escolar. Análise Psicológica* (2005), 4 (XXIII): 401-425

Matos, M., Simões, C., Carvalhosa, S., Reis, C., & Canha, L. (2000). *A saúde dos adolescentes portugueses*. Faculdade de Motricidade Humana/PEPTSaúde/

GPT da CMLisboa.

Matos, M., Negreiros, J., Simões, C., & Gaspar, T. (2009). *Violência, bullying e delinquência: Gestão de problemas de saúde em meio escolar*. Lisboa: Coisas de ler.

Pereira, B., Almeida, A. (1994). *Projecto Bullying*, Lisboa, Portugal.

Olweus, D. (1995) “*Bullying at school*” . Oxford: Blackwell

Olweus, D. (1997). Bully/victim problems in school: facts and intervention. *European journal of psychology of education*, 12 (4), 495-511

Orpinas, P., Horne, A “Bullying prevention : creating a positive school climate and developing social competence, 1ª Edição, USA.

Perry, D., Perry, L., & Rasmussen, P. (1986). Cognitive social learning mediators of aggression. *Child Development*, 57, 3, 700-711.

Ramirez, F. (2001) “*Condutas agressivas na idade escolar*” , McGraw-Hill.

Schwartz, D., Dodge, K., Pettit, G.S., & Gates, J.E. (1997). *The early socialization of aggressive victims of bullying*. *child development*, 68(4), 665-675

Seixas, S.,(2005). *Violência escolar: Metodologias de identificação dos alunos agressores e/ou vítimas*. *Análise Psicológica*, 2 (xxiii): 97-110

STRECHT, P. (2008). *A minha escola não é esta*. Lisboa, Assírio & Alvim, 1ª Edição

